

Índia

Heróica

"Tal como os raios duma mesma circunferência, todas essas tradições partem dum centro comum, a que se pode chegar seguindo a sua direção. Então, para lá da Índia dos Vedas, para lá do Irã de Zoroastro, na alvorada crepuscular da raça branca, se verá surgir das florestas da antiga Cítia o primeiro criador da religião ariana, cingido pela sua dupla tiara de conquistador e de iniciado, e ostentando na mão o fogo místico, o fogo sagrado, que iluminará todas as raças." - G. I.

Aos espíritos de boa vontade advertimos, concitando ao estudo da História das Revelações, reagindo contra um certo número de elementos que, pretendendo mestria, embora incapazes de ir além da mediocridade, desaconselham tais estudos porque vêem os discípulos lhes passando à frente. Cada qual deve estudar quanto possa, e sem dar atenção a pretensos "mestres em Israel", gente escrava de um "teto" limitador, gente que pensa ser o Espiritismo - a Ciência da Vida Integral - apenas a mediocridade de que são portadores.

O centro Comum da Iniciação era o conhecimento daquelas palavras transcritas no ponto anterior. Deus era Imanifesto em Sua Infinita Profundidade e Manifesto como Criação. A partir desta Matriz Originária, tudo o mais eram questões de minúcias e pormenores.

O Espiritismo, como Súmula das Revelações, não é e nunca será escravo de concepções confinadas.

Haja respeito por estas palavras - Moral, Amor, Revelação, Saber e Virtude. Respeito significa vivência, ação social, tudo transformado em trabalho fiel. E títulos exteriores e bazófias, em Espiritismo, nada representam.

(Item 150 de "A Bíblia dos Espíritas", de Osvaldo Polidoro)

material de apoio a palestra, compilação feita por Mara Castro

Grupo Divinista Patriarca Jacó, 2005

As Escrituras Védicas da Índia

As escrituras Védicas da Índia antiga são a sua maior herança. Estes textos sagrados não foram trazidos por um único Messias, mas evoluíram durante um certo tempo - um tipo de culminância da sabedoria de vários santos. Conseqüentemente, a profundidade e a gama destes textos antigos são tão vastas que se pode escolher e estudar o caminho de sua salvação assim como as atitudes ou inclinações espirituais.

Elas lhe permitem se colocar em posição de relaxamento, em Shavasana, e se ligar a Deus, ou ficar agachado com as pernas cruzadas em Padmasana em adoração, ou ficar de cabeça para baixo em Sheershasana, ou se levantar em apenas uma perna, ou ficar na água até a cintura, ou sentar em uma cama de pregos. As oito escolas de pensamento permitem-lhe seguir o caminho de sua própria escolha. De acordo com a escola de Adwaita, pode-se acreditar que você e Deus são um só; de acordo com a Dwaita, você e Deus são separados; e as escolas de Sankhya e Charvaka são quase agnósticas em sua exposição. Você pode seguir o caminho da ioga Bhakti de devoção total, ou o da Hatha ioga para elevar as faculdades físicas e mentais, enquanto o tântrico segue o mantra e o caminho da yantra. Os seguidores de Krishna reivindicam que Krishna é o diretor administrador do céu e o resto dos deuses são como ministros que trabalham abaixo dele. Os adoradores de Shiva o colocam nas alturas de monte Kailash e espalham os outros Deuses pelas selvas. Há os que acreditam que o Pai Divino é o maior, e você terá outros que não podem pensar em qualquer coisa diferente da Divina Mãe.

Sim, são as escrituras que fazem da religião hindu a mais profunda e a mais democrática religião liberal. Elas são a sabedoria de nossos antepassados. Há centenas delas, mas apenas algumas destas a seguir são consideradas as **principais escrituras** do Hinduísmo.

Sutras de Manu : também chamadas Manu Samhita, Manu Smriti e Manu Sashtra. O universo foi criado pelo Deus Brahma. O filho dele é o Deus Sol e o Seu filho é Manu, que é o governador do nosso mundo. O samhita de Manu é considerado o primeiro tratado hindu que colocou os princípios da religião hindu, a divisão de castas, conduta social e leis etc.

Vedas: Os quatro Vedas, - Rig Veda, Yajur Veda, Sama Veda e Athar Veda - formam o cerne da religião hindu. Eles contêm os rituais hindus, adorações, mantras e todos os princípios religiosos e sociais que são a base do Hinduísmo.

Upanishades: Eles fazem parte dos Vedas que expõem rapidamente os princípios filosóficos dos Vedas e são considerados a essência dos Vedas. Há 108 Upanishades de acordo com Muktika Upanishad. Destes, 12 são considerados os principais Upanishades. Eles são: 1. Isa, 2. Kena, 3. Katha, 4. Taitiriyia, 5. Aitareya, 6. Prashna, 7. Mundaka, 8. Mandukya, 9. Chandogya, 10. Svetasvatara, 11. , Brihad-aranyaka, 12. Maha-Narayana. Os outros 8, chamados **Upanishades secundários**, são: 1. Kaivalya, 2. Kaushitaki, 3. Atma, 4. Aruni (Aruneyi), 5. Brahma, 6. Paramahansa, 7. Sarva & 8. Amritabindu.

O Bhagavad Gita: O clássico religioso mais popular e importante da Índia, onde Deus Krishna ensina a Arjuna, para cada um, e a todos, os aspectos da vida, a vida depois da vida, a filosofia do Karma e a natureza de Deus, faz parte do épico Mahabharata que foi composto por Vedavyasa.

Os Sutras de Brahma: A essência dos Upanishades e a filosofia hindu são captadas pelo grande Vedavyasa nesta grande Escritura. Foi ele também quem escreveu o épico Mahabharata e também compilou e re-escreveu os Vedas, o Bhagavata Puranana e vários outros puranas.

Yogasutras de Patangali: Este imortal clássico de Patajali, que foi mencionado no Bhagavad Gita, explica a importância e a filosofia por trás da ioga, da meditação e das práticas espirituais, e dá instruções inestimáveis.

Nota: Para esses que querem entender a essência da filosofia hindu, o estudo das escrituras anteriormente citadas é obrigatória. O legendário filósofo do séc VI, Adi Shankaracharya, escreveu comentários detalhados sobre todas elas e os seus trabalhos são os mais autênticos e os melhores. Traduções destes comentários de Adi-Shankara foram publicadas por Ramakrishna Math e também por Advaita Ashram. A maioria dos tradutores são swamis altamente evoluídos destas organizações e, conseqüentemente, os trabalhos têm aquela percepção espiritual extra e a profundidade que muitos dos chamados "estudiosos-tradutores" não têm. Igualmente boas são as traduções da *Devine Life Society of Swami Shivananda, Hrikesh* e as publicações da *Missão Chinmaya*.

As Puranas: As Puranas explicam as doutrinas religiosas e sociais com uma maneira simples de entender. Além disso, dão também uma lista muito detalhada dos vários Deuses e Deusas, as suas encarnações,

ensinos etc. Elas nos proporcionam as histórias mitológicas associadas ao Hinduísmo. Não é possível a todos captar a mais profunda filosofia da maioria dos escritos. Conseqüentemente se diz que as escrituras dos Vedas etc., que estão na forma de versos curtos, são para os intelectuais e instruídos, e para o homem comum, tem-se as Puranas. Eles falam dos acontecimentos dos tempos muito antigos. Isto, tipicamente em termos de muitos yugas (anos de milhares de multi), chaturyugas (quatro tal yugas é um chaturyuga), manvantara e kalpa.

Há dezoito Puranas principais e um número igual de Puranas subsidiárias, ou Upa-Puranas. As Puranas principais são: Vishnu Purana, Naradiya Purana, Srimad Bhagavata Purana, Garuda (Suparna) Purana, Padma Purana, Varaha Purana, Brahma Purana, Brahmanda Purana, Brahma Vaivarta Purana, Markandeya Purana, Bhavishya Purana, Vamana Purana, Matsya Purana, Kurma Purana, Linga Purana, Siva Purana, Skanda Purana e Agni Purana.

O Ramayana e o Mahabharata também são considerados puranas importantes.

O purana do Bhagavata é o mais importante e é altamente popular.

Os dezoito Upa-Puranas são: Sanatkumara, Narasimha, Brihannaradiya, Sivarahasya, Durvasa, Kapila, Vamana, Bhargava, Varuna, Kalika, Samba, Nandi, Surya, Parasara, Vasishtha, Devi-Bhagavata, Ganesa e Hamsa.

Escrituras hindus

(- 160 - "Desde tempos imemoráveis, que esses ascetas habitavam em ermidas, no fundo de florestas, à borda dos rios, ou pelas montanhas, perto dos lagos sagrados. Viviam sós, ou reunidos em confrarias, mas sempre unidos no mesmo espírito. Reconheciam-se neles os reis espirituais, os senhores verdadeiros da Índia. Herdeiros de velhos sábios, dos rixis, só eles possuíam a interpretação secreta dos Vedas. Neles vivia o gênio do ascetismo, da ciência oculta, dos poderes transcendentais." - G. I).

A Raiz do Profetismo está nos Vedas, pois foi lá que o foi buscar Henocho, o Grande Patriarca de antes do dilúvio, antes do desaparecimento da Atlântida. O que chamavam de poderes ocultos e transcendentais, nada mais era do que o Mediunismo ou culto das faculdades mediúnicas./Ainda que fosse por mero respeito às nossas mesmas encarnações remotíssimas, muitos dos que ora se julgam espíritas, pelo simples fato de conhecerem quatro ou cinco sentenças de última hora, deviam lembrar o Profetismo Histórico, e deixar na mente atacanhada um lugarzinho para esse preito de gratidão./No vértice dos Eventos Reveladores, considerar a função missionário de Jesus, o Derramador do Espírito, Aquele que veio transferir para toda a carne o direito de conhecer e cultivar a Revelação, a Fonte da Verdade./Mais aquém, considerar a obra de Elias, ou Kardec, repondo as coisas no devido lugar, tendo atrás de si aquelas mesmas Legiões do Senhor, o Espírito da Verdade./Com ou sem o apoio dos mal informados, aqui fica o nosso preito de gratidão. A Trilha Profética sempre esteve nas mãos do Cristo Planetário e das Legiões da Verdade. Esta realidade, nenhum tacaanhismo ignaro e sectário poderá jamais destruir. – de "A Bíblia dos Espíritas", Osvaldo Polidoro)

As Escrituras hindus são classificadas em

1. Sruti (ouvidas e transmitidas), Os Vedas constituem-se Sruti, foram divididas em 4 por **Vedavyasa**. Os quatro Vedas são: Rig, Saama, Yajur e Atharva são tidas como a herança mais antiga e os hindus acreditam que os Vedas são eternos, jamais criados!

2. Smriti (lembradas e colecionadas), As escrituras, compiladas pelos grandes sábios, Yajnavalkya, **Manu** e Parasara são conhecidas como **Smriti**.

3. Itihaasa (epopéias), compõe-se de duas epopéias: Ramayana e Mahâbhârata, escritas respectivamente pelos sábios Valmiki e **Vedavyasa**.

4. Puranas (histórias e valores) **Vedavyasa** também escreveu dezoito Puranas e dezoito Upa(sub)-puranas. Cada purana enfatiza um valor hindu específico e dramatiza uma história com um herói virtuoso, um vilão mau, e demonstrando o caráter dos dois lados! Em geral, o herói é uma deidade favorecida que representa a Realidade Suprema e outros se tornam semideuses e atuam em papéis secundários.

5. Aagma (regras para orações, rituais e construção de templos).

O **assunto** focado nos Vedas é classificado em três categorias: **Karma** discute obrigações de cada indivíduo. **Upasanaa** dá orientação para uma comunhão divina e para a adoração. **Jnana** é discussão filosófica sobre Brahma, a realidade suprema.

Estas discussões filosóficas nas últimas partes de cada Veda são conhecidas como **Upanishads**.

A História antiga do Hinduísmo

O Hinduísmo é tão velho quanto o próprio tempo. O som “OM” foi a primeira sílaba que surgiu na criação do universo, agora pensada como o Big Bang, entretanto esta teoria inflacionária do Big Bang não se alinha com a teoria cíclica hindu de Kalpas e Maha Kalpas. A linha do tempo da história do Hinduísmo seria um tópico muito interessante. Como as pessoas pesquisam cada vez mais, cada vez mais as coisas mantêm se movendo. Há incontáveis espécies que entrariam na linha com o Darwinismo durante a era do Deus Rama havia espécies inteiras de macacos humanóides e um dos seus líderes era Hanuman, o maior devoto de Deus Rama. Sim, há muitas fontes que indicam muitos dos marcos históricos vistas pelo Hinduísmo, mas há uma história registrada disponível? Como vemos que Hinduísmo é conhecimento e experiência apoiando a religião, os antepassados pensaram bem na necessidade de se registrar alguns dos momentos importantes na história. Esta história nos dada na forma de puranas e itihisas. O palavra purana significa velho e itihasa significa história. Elas se referem a eventos que têm muitos milhares de anos.

A história contada neste puranas e itihisas tem a informação sobre quem foram as pessoas fundamentais em várias épocas - especialmente os sábios e os reis - e suas realizações notáveis, se houve alguma. Estes textos, além de também proverem meras informações, servem como a fonte que inspira as pessoas sobre os heróis do passado. Eles narram o bem e mal do passado, de forma que pessoas poderiam ter as linhas para um crescimento positivo e poderiam manter-se longe dos erros.

O **puranas** são dezoito, também há um número igual de sub-puranas (upa-puranas). Seria tarefa totalmente envolvente, e às vezes impossível, dar uma data fixa para estes acontecimentos. As puranas vieram de fontes várias e foram compiladas através do sábio **Vedavyasa**. A importância que é dada à história e a estes puranas no Hinduísmo é óbvia, pelo fato de que alguma parte do puranas é tida como parte da adoração diária nos templos, junto com os vedas. O conhecimento deste passado antigo se disseminou principalmente pela palavra falada, pelos canais chamados pauranikas. Assim, fora do tema original, podem ser encontradas também muitas inserções posteriores a eles.

Itihaas são a narração de incidentes em dois momentos neste chaturyuga. Há duas. Uma é **Ramayana**, escrito por vAlmiki, e o outro é Mahâbhârata, escrito por **Vedavyasa**. No Ramayana, narra-se a história dos primeiros tempos, (tretAyuga), e Mahabharata os incidentes de tempos posteriores (dvAparayuga). (A era – yuga- atual é kaliyuga). Embora cada um deles fale com detalhes sobre uma guerra, o que aconte antes da guerra e o enredo dos fatos depois dela, eles dão conta dos reis que regeram antes e as suas ações. O mahâbhârata, épico posterior, conta a história do pós-guerra no começo do yuga atual - kali. Como é que estes dados são captados cientificamente? Hindus, que são bem conhecidos pela astronomia nos tempos antigos, marcaram as posições celestiais dos planetas como o modo de contar o tempo. Decodificando isto, pode-se ter o período.

A História Moderna do Hinduísmo

Os recentes períodos de Hinduísmo (depois de I DC) não têm uma única história documentada consolidada. Porém, foram bem escritas as histórias de muitas das personalidades gloriosas. Há numerosas biografias que falam sobre a reunião social, organização política durante esses períodos. Fora a vida destes reis, houve inscrições feitas em pedras e cobre chapeado (epígrafes), que contam brevemente sobre qualquer evento especial (como construção de templos, etc) que aconteceu durante o reinado de alguém. Estes mencionam o ano no qual o evento aconteceu, claramente. Dada a robustez destes materiais, ficaram intactos por muitos séculos; assim, servem como evidências históricas e ajudam a determinar as datas de outros contemporâneos que usam as referências antes mencionadas.

O 2º milênio foi um período muito desafiador, quando a terra na qual Hinduísmo brilhava gloriosamente - a Índia - foi atacada pelos invasores muçulmanos. (A Invasão européia posterior foi um benefício e uma ruína naquele período de tempo.) Muito da cultura bem maturada foi posta em um matadouro e muito da glória foi esquecida. A vibrante disciplina aberta que era espiritualmente e filosoficamente bastante avançada no passado pacífico teve que se defender contra a onda contínua de ataques. Como este período foi realmente longo demais, muitos dos hindus na vanguarda tiveram que arquivar o oceano de conhecimentos do passado e apenas escolher alguns abstratos simples para sobreviverem como hindus, mesmo no ambiente hostil.

Ao término do segundo milênio, começaram esforços a colecionar os registros do passado glorioso do Hinduísmo que ainda restavam. Estes formam a base da história moderna do Hinduísmo

O dharma de sanatana (disciplina eterna), por sua viagem, viu uma religião que foi esparramada por todo o mundo ser limitada ao subcontinente da Índia, e mesmo lá teve períodos gloriosos e também outros

problemáticos. O Supremo abençoa agora, para o benefício da humanidade, que as grandes verdades deste dharma estejam disponíveis em sua forma pura para todos os pesquisadores ao longo do mundo.

A Relevância de Templos na Religião e na Cultura hindu

Ao longo de história da Índia, os templos exercitaram uma influência enorme na vida social e religiosa, e nas tradições. Templos hindus famosos como Somanathpur tiveram riquezas enormes e se tornaram objeto de invasões estrangeiras. O templo hindu é um lugar de adoração como qualquer outro, mas tem características sem igual que os levam a uma maior excelência espiritual. Os templos ortodoxos são construídos de acordo com Aagmas, e os sagrados ficam situado em mais altas altitudes, em cima de colinas. Os templos elevados simbolizam a importância da espiritualidade, acima da vida mundana. Os reis e os cidadãos ricos da comunidade davam fundos generosos à construção e manutenção dos templos. Os templos contribuíram dando emprego a arquitetos, artesãos, escultores e trabalhadores. Os santuários e ícones davam paz às mentes frustradas. Música, dança e programas de belas artes - inclusive religiosas - e musicais organizados nos templos encorajavam os músicos, dançarinos, dramaturgos, artistas e estudantes da religião. Foram usados os silos dos templos para alimentar os famintos, e os edifícios dos templos davam abrigo a estudantes e estudiosos. Alguns templos foram equipados para prover serviços médicos ao doente, o ancião e ao inválido. Assim, os templos davam uma variedade de serviços sociais e religiosos, reforçando o bem-estar social e econômico da sociedade da Índia. Templos hindus no EUA e o Canadá agem como embaixadores culturais e provêm serviços educacionais e espirituais à Comunidade da Índia.

O templo também retrata Deus na forma cósmica. A estátua de Nataraja (postura de dança do Deus Siva) é um exemplo bem conhecido para a significação artística, científica e filosófica dos ídolos. Foram escritas centenas de artigos e livros sobre a significação da postura de dança do Nataraja. No espetáculo de PBS, COSMO, Professor Carl Sagan afirma que a dança de Nataraja significa o ciclo de evolução e destruição do universo cósmico (Grande-Bang Theory). A estátua de dança de Nataraja é uma representação simbólica do Vedanta. O demônio pigmeu esmagado debaixo dos pés representa o ego endiabrado que impede os humanos de atingirem a paz e felicidade internas inerentes a eles. O ego deve ser superado para se recuperar as Felicidades Supremas.

A Filosofia hindu em um Vedanta de Nutshell, a premissa inicial da Religião hindu, afirma que Brahma (o Deus abstrato) é a Verdade Absoluta. Brahma tem papéis múltiplos para desempenhar: o criador, o mantenedor e o destruidor de tudo em um. A Vedanta declara que a alma universal, Brahma, é eterno e a alma humana individual, Atman, unifica-se no final das contas com Brahma. Advaita insinua a última identidade de Brahma (alma Universal) e Jivatman (alma humana). Dwaita opõe advaita em quase todos pontos e mantém uma última diversidade de Brahma e Jivatman. Visistadvaita (não-dualidade qualificada) mantém uma diferenciação crucial e também uma identidade fundamental.

A filosofia hindu e a lógica provêm força inexpugnável ao conceito da unidade fundamental na adoração de uma multidão de deuses. (item 195 da “Bíblia dos Espíritos”: *“Os homens são deuses mortais e os deuses são homens imortais.” - G. I.* Para o vulgo, na antiguidade, deuses eram todos os espíritos; mas para os iniciados, os conhecedores da Ciência dos Mistérios, somente os santos espíritos eram chamados deuses. Jesus, a Primícia dos Essênios ou Seita dos Nazireus, falando a respeito dos espíritos libertos, disse que - “serão como anjos no céu”. Realmente, se Deus tivesse feito deuses especiais, seria Ele menos respeitável do que os homens honestos. Para um Deus Vivo e Integral em Lei e Justiça, há apenas uma mesma determinação para todos os filhos.)

O Hinduísmo é altamente individualista e os hindus amam a liberdade para adorar a sua escolha pessoal de ícone para visualizar o abstrato Brahma. Isso explica o crescimento rápido de templos, deuses e rituais pela Índia, e além. Até mesmo aldeões analfabetos ficam orgulhosos e entusiasmados ao ouvirem histórias sobre os deuses de seu templo e a sua significação. Tais histórias são, invariavelmente, mais aventureiras e heróicas que "episódios do Super-homem", mas com um toque divino. O templo coloca Deus em uma forma espiritual e as várias partes do seu corpo simbolizam conceitos filosóficos. Serve como a ligação simbólica entre o Humano e Deus, entre o Material e o Espiritual, e entre o Óbvio e o Ideal. Os nomes das partes do templo designam órgãos diferentes do corpo humano (garbhagraha (Sanctum Sanctorium) representa o coração humano).

O Propósito do Simbolismo hindu

O simbolismo no Hinduísmo é análogo aos métodos de comunicação modernos adotados pela indústria de computadores. Ele se ajusta aos gostos e necessidades diversos do mundo. Só um mínimo segmento da

opinião pública busca sofisticação e características especiais. O povo comum que é maioria, demanda ilustrações simples e exemplos práticos no lugar de lógica complexa!

A indústria de computadores emprega exposições de gráficos e criativos "ícones" para satisfazer o público geral. O Simbolismo hindu parece insinuar que não crê numa teoria única que se ajusta a tudo! Templos artísticos com ídolos, histórias heróicas e rituais coloridos demonstram este fato. Hindus iniciados podem obter muito mais de tal simbolismo, e desvendar verdades filosóficas e espirituais do Vedanta.

Histórias dos Puranas criam modelos pela dramatização em eventos legendários para preservar condições éticas sociais (Dharma). Um cônjuge ideal, pais, descendentes, ou o professor, são orientados para ajudarem a sociedade a administrar seus deveres diários (nithya karma). O Hinduísmo aperfeiçoou a arte do simbolismo como meio poderoso para ensinar idéias filosóficas complexas ao homem comum. A comunicação de valores que usam as histórias dos puranas no Hinduísmo se assemelha aos casos de estudo dos procedimentos em instituições empresariais.

A Teoria do Karma

A "Teoria do Karma" na Religião hindu tem muitas semelhanças à teoria econômica moderna. De acordo com teoria do Karma, o 'bem' e o 'mal' podem ser acumulados e um equilíbrio pode ser mantido. Se o equilíbrio líquido é positivo (mais 'bem' e menos 'mal') então a pessoa é recompensada com o bem. Se o equilíbrio líquido ficar negativo, a pessoa é castigada com o mal. A Teoria do Karma vale em mais de uma vida, e um indivíduo pode escolher fazer sacrifícios na vida presente para ganhar uma vida melhor no próximo nascimento! Quando uma pessoa viver uma vida pecadora, então é provável que ele tenha uma vida pior no próximo nascimento. A teoria econômica racionaliza as economias e os empréstimos pessoais do público. Os que economizam têm que fazer sacrifícios durante um tempo para viver confortavelmente durante outro tempo. Os que pedem dinheiro emprestado aceitam o resultado de tais ações!

UPANISHADS: O Pináculo da Religião Universal

by Shyam Narayan Shukla, Ph.D.

Todas as religiões mundiais criaram o conceito de céu como recompensa para os seus seguidores que cumprirem as suas ordens. De acordo com estas religiões, a última meta do ser humano é ter um lugar no céu, depois desta vida. A Religião hindu não é uma exceção a esta filosofia. Porém, os sábios hindus não pararam por aí. Como cientistas, continuaram as suas experiências para se alcançar a liberdade no espaço e no tempo. No final das contas, perceberam que, uma vez chegando lá, o que não é relativo, mas completo e absoluto, poderiam viver eternamente naquele estado. O tema principal dos Upanishads trata deste estado mental no qual todas as correntes são destruídas.

Os **Upanishads** formam o Jnanakanda dos Vedas. A palavra 'Upanishad' literalmente significa 'sentar perto'. O conhecimento secreto de Brahma, ensinado ao discípulo sentado perto do preceptor, era o Upanishad. Os Upanishads propõem a verdade sutil. É latente nos Vedas. Seu conhecimento é chamado Rahasya, ou segredo. Eram as instruções particulares e confidenciais que só eram ensinadas aos que estavam prontos para as receber. Foi o sábio **Veda Vyasa** que fez com que a sabedoria secreta dos Upanishads ficasse facilmente compreensível, colocando-a no Bhagavadgita, que é considerada a essência dos Upanishads. Ele também escreveu os Brahmasutra para pôr o conhecimento na forma de provérbios. Os Upanishads são compostos de quatro **Mahavakyas**, um de cada um dos quatro Vedas. Os Mahavakyas são pensamentos muito importantes que provocam orações que os sábios formularam depois de terem chegado ao fim da sua jornada e realizado a finalidade última. **A filosofia dos Upanishads forma o pináculo da religião humana, inigualado na história mundial.**

INTRODUÇÃO

O objetivo principal de todas as religiões do mundo foi ter certeza de que os seus seguidores têm uma vida a ser cumprida nesta terra. Se uma pessoa cumprir certas leis da natureza, desfruta melhor a sua vida aqui. Se levar uma vida disciplinada, será física e emocionalmente mais forte. Com estes princípios básicos em mente, os profetas ou fundadores das religiões pregaram aos seus seguidores durante o tempo de sua vida. Os seus ensinamentos, quando escritos na forma de livros, eventualmente se tornaram as Escrituras das religiões. Todas as religiões têm uma comunidade. Isso é o conceito dos Céus. Se uma pessoa seguir as ordens da religião, será recompensado com um lugar no Céu, onde há paz e felicidade duradouras. A religião hindu não teve um profeta ou um fundador. Porém, também tem céu e inferno para pessoas boas e más, respectivamente. Os sábios hindus não sentiam contentes com o conceito de Céu como última meta. Eram pessoas muito inovadoras, como os cientistas.

Eles continuaram na sua procura por alcançar a liberdade dos efeitos do tempo e espaço. Descobriram que, quando um homem se identifica com o seu corpo, com todas suas limitações, então este é uma criatura pequena, fraca e mortal neste universo vasto. Por outro lado, quando ele se identifica com o seu ego interno, o **Atman** que é ilimitado, imortal e feliz, ele alcança a divindade nesta mesma vida. Os Upanishads são coleções dos seus ensinamentos. São presentes sem igual dos sábios da Índia Antiga para este mundo. Os ensinamentos dos Upanishads não são um mero conceito filosófico, mas são percebidos fatos experimentados por nossos sábios. Esses ensinamentos inspiravam quando foram compostos e inspiram até hoje, milhares de anos depois. Eles são tão inspiradores na América, como são na Índia. Os Upanishads são além de tempo e espaço.

VEDA E VEDANTA

Quando se lê cada shakha dos Vedas, primeiro vem o **Samhita**, então o **Brahmana** e, por último, o **Aranyaka**. Os **Upanishads** vêm na porção final do Aranyaka. Considerando que os Upanishads acontecem ao término dos Vedas, são chamados de **Vedanta**, o que literalmente quer dizer 'o final dos Vedas'. A última meta dos Vedas está contida nos Upanishads. Também por serem o produto final dos Vedas, são chamados Vedanta adequadamente. A parte de um Veda onde haja modos de rituais e sacrifícios é o **Karmakanda**, e a parte onde se trata do conhecimento supremo do Vedanta é o **Jnanakanda**.

Os estudantes ocidentais pesquisam mais nos Vedas que os estudantes da Índia. Eles tentaram estabelecer a época em que foram escritos os Vedas e os Upanishads. A estimativa varia entre 1500 A.C. e 3000 A.C.

De acordo com Bal Gangadhar Tilak, **os Vedas vieram ao redor em existência 6000 A.C.** Porém, de acordo com uma escola védica tradicional, os Vedas são considerados *anadi*, ou sem começo. Declara-se no Vedas que eles são vastos e infinitos (*ananta vai Vedah*). Eles também não têm autoria humana (*apaurusheya*). O que nós temos é uma porção pequena daquilo que Deus criou como os Vedas. Uma parte do que foi revelado aos Rishis está disponível a nós, hoje em dia. Então, um Rishi que escreveu um Upanishad - ou um shakha - de um Veda, não é seu criador - ou karta - mas é seu profeta, vidente - ou drishta.

Foi o sábio **Vyas** que organizou os Vedas e escreveu o Bhagvadgita e o Brahmasutra, o que os tornou acessíveis aos estudiosos, para saberem o quão profunda é a filosofia dos Upanishads. No Bhagvadgita, Vyas pôs a essência dos Upanishads na forma de uma conversação entre Arjuna, o discípulo, e Deus Krishna, o professor. Quando o conhecimento Védico esteve em perigo de extinção, Adi Shankaracharya (788-8 D.C.) veio como professor daquela era (yuga pravartaka). Ele escreveu comentários ao Bhagvadgita, Brahmasutra e alguns dos principais Upanishads. Só então o conhecimento místico do Vedanta ficou mais fácil de ser compreendido pelos outros.

Porém, o mero estudo dos Upanishads não é o bastante para se sondar a profundidade da filosofia ou alcançar o conhecimento supremo, que é o seu tema principal. No Chhandogya Upanishad há uma história de Narada, que chegou a Sanatkumara e disse-lhe que tinha estudado todas as escrituras e todas as ciências e artes. Ele apenas sabia os mantras, mas não tinha nenhum conhecimento do Atman (Mantravideva asmi na atmavid). Os Upanishads têm que ser estudados aos pés de um professor Brahmajnani (um professor que alcançou Brahma). Por isso é que são chamados de Upanishads, o que literalmente quer dizer 'sentar próximo (com devoção)' [Também significa 'ensinos secretos']. Quando um aluno estuda em um Gurukul, o conhecimento místico penetra na sua mente de maneira sutil, enquanto o professor explica o assunto, apenas observando o seu sadhana diário e o seu modo de vida. O professor só dá o conhecimento secreto de Brahma aos estudantes que estejam espiritualmente prontos. É por isso que o Katha Upanishad diz, "Muitos ouvem falar, entretanto não entendem. Maravilhoso é o que fala disto. Abençoado é aquele que, ensinado por um professor bom, pôde compreender tudo isto". Os Upanishads mencionam que a meditação em 'Om' é a meditação sobre o Atman ou o Brahma que reside no homem. O Upanishad Chhandogya diz que todos os sacrifícios prescritos no Vedas não podem trazer salvação. É a meditação em Om que conduz, passo por passo, ao objetivo mais alto do Upanishads, isto é, a infusão em Brahma.

OS VEDAS E A VEDANTA SE CONTRADIZEM UM AO OUTRO?

Algumas pessoas acreditam que os Vedas e a Vedanta colidem entre si. Para provar o seu ponto de vista, citam Deus Krishna. No Gita, Deus Krishna diz:

* VEDAVADARATAH PARTHA NANYADASTEETI VADINAH (GITA II-42),

* KAMATMANAH SVARGAPARA JANMAKARMAPHALA PRADAM (GITA II-43)

"Ó Partha, os que seguem literalmente as palavras dos Vedas e dizem que não há nada mais além disto, estão cheios de desejo de morar no Céu, o que conduz a um novo nascimento como resultado das suas ações".

Também,

*TRAIGUNYA VISHAYA VEDA NISTRAIGUNYO BHAVARJUNA (GITA II-45)

"Ó Arjuna, os Vedas tratam de três gunas (satva, raja e tama). Você deveria transcender a estes três gunas".

Estes versos dão impressão de que Deus Krishna nos encoraja a que sigamos os ensinamentos dos Upanishads diretamente, e ignora os rituais prescritos nos Vedas. Os Vedantis tradicionais (os estudiosos do Vedanta) nos falam que saltando diretamente ao estudo dos Upanishads, sem a preparação preliminar de purificar a mente e corpo, não ajuda o estudioso a perceber o Atman. A mente e corpo são disciplinados pelo *yajnas* e pelas adorações prescritas nos Vedas. Só depois de passar por aquela disciplina é que ficamos qualificados ao estudo dos Upanishads. Quando a mente é purificada através de *yajnas*, o mundo ao nosso redor deixa de ser real; então, todas as ações que executamos tornam-se *yajnas* e nunca mais nos separamos de Brahma. Então, estamos prontos para fundirmos n'Ele. Isso é o que Adi Shankaracharya nos fala no seu livro, *Sopana Panchaka*: primeiro temos que estudar e recitar os Vedas, executar os rituais prescritos, sermos guiados pelo Mahavakyas, meditar constantemente neles e só então tentar alcançar Brahma. (Discutiremos sobre o Mahavakyas em parágrafo posterior). O fato de os videntes dos Upanishads citarem hinos dos Vedas para suporte de suas demonstrações de ensinamentos não estava contra os Vedas.

A razão pela qual Deus Krishna diz o que foi anteriormente transcrito sobre os Vedas tem que ser entendida no contexto do período de Mahabharata. Durante aquela época, a maioria das pessoas executava *yajnas* como meio de se alcançar prazeres, mundanos e divinos. Eles se comportavam como se isso fosse o principal ensinamento dos Vedas; quase ignoraram os ensinamentos dos Upanishads, onde a realização em Brahma é a finalidade última nas suas vidas. Deus Krishna castigou essas pessoas no Gita. Reprovou os que levaram o caminho do Karma e não foram além disso, adotando o caminho de Jnana nas suas vidas. Ele também teria levado em conta, certamente, os que estudariam diretamente os Upanishads sem executarem os Karmas Védicos.

Até mesmo no tempo de Shankaracharya, muitos grandes estudiosos só se especializaram no caminho do Karma dos Vedas. Mandan Mishra, um estudioso Védico famoso de Varanashi, foi um seguidor forte do Poorva Meemansha (análise do Karmakanda dos Vedas), antes que se tornasse discípulo de Shankaracharya. Depois que entrou em Sanyasa Ashrama e se tornou Sureshwaracharya, trocou o caminho do karma pelo de jnana. Ele escreveu a Vartika (explicação) do Shankara Bhashya no Brahmasutra.

OS UPANISHADS PRINCIPAIS

Acredita-se que há mais de duzentos Upanishads. Porém, só aproximadamente cento e oito foram preservados. Os Upanishads principais são esses que Adi Shankaracharya selecionou para comentar. Eles são dez e são estudados tradicionalmente em uma certa ordem.

O shloka seguinte (verso em Sânscrito) enumera os Upanishads principais na ordem:

Isha Kena Katha Prashna Munda Mandukya Taittiri Aitareyam cha Chandogyam Brahadaranyakam Dasha

“Isha, Kena, Katha, Prashna, Mundaka, Mandukya, Taittiriya, Aitareya, Chhandogya e Brahadaranyaka são os dez (principais) Upanishads”.

Shankaracharya também fez comentários sobre um décimo primeiro Upanishad, o Shvetasvatara. Em seu comentário no Brahmasutra, fez referências a outros quatro Upanishads. Eles são: Kausheetakee, Jabala, Mahanarayana e Paingala.

Ishopanishad (ou Ishavasyopanishad): Normalmente os Upanishads aparecem ao término de um Aranyaka. Como exceção, este Upanishad aparece na porção Samhita do Shukla Yajurveda. O mesmo verso de abertura deste Upanishad contém o tema central de todos os Upanishads. Diz que Ishvara, ou Deus, penetra no universo inteiro e nós deveríamos percebê-Lo oferecendo os frutos de todas as nossas ações a Ele. O oferecimento dos frutos das ações a Brahma é, resumindo-se, Karmayoga. Esta é a primeira vez que o princípio do Karmayoga é colocado nos Upanishads. Só no Gita nós vemos sua forma mais elaborada.

Kenopanishad: também é chamado 'Talvakara Upanishad' porque acontece no Talvakara Brahmana do Shakha Jaimini do Sama Veda. Este Upanishad ensina, por uma parábola, que todos nossos poderes são derivados do Mahashakti, o Deus Supremo, ou o Parmatma. O Paramatma não tem princípio nem fim.

Kathopanishad: O Kathopanishad acontece no Shakha Katha do Yajurveda de Krishna. Este Upanishad ficou muito popular pela história fascinante de Nachiketa, o jovem que vai a Yama, o Deus de Morte, e pede-lhe que o ensine sobre o que acontece à alma depois da morte. Yama fala-lhe, então, sobre a verdadeira natureza da alma, ou o Atman. Define Atman como divino, sem nascimento ou morte, indestrutível, etc.

Prashnopanishad: Este pertence ao Atharva Veda. Como insinua o nome (prashna significa *pergunta*), ele responde a seis perguntas sobre como começou a criação; quem são os deuses; como a vida é conectada ao corpo; qual é a verdade sobre os estados de acordado, dormindo e sonhando; por que se deve adorar Onkara; e qual é a relação entre Purusha e Jeeva.

Mundakopanishad: Este Upanishad também é do Atharva Veda. Mundak quer dizer *cabeça raspada*. Seus ensinamentos têm significados para os Sanyasis, ou monges, que são livres de apego mundano. Fala de Akshar Brahman, que é indestrutível. Classifica o conhecimento em *para* [mais elevado] e *apara*, [mais baixo]. O conhecimento de Atman é para e todo os demais conhecimentos são *apara*.

Mandukyopanishad: Este é o terceiro Upanishad do Atharva Veda. Manduka quer dizer *rã*. Este Upanishad mostra o modo de atravessar as três fases de desperto, sonhando e do sono sem sonhos e alcançar a quarta fase de Turiya em um salto. Turiya é a fase da pura consciência que revela o Atman

Taittiriya Upanishad: Este é o Upanishad o mais amplamente estudado. Sua primeira parte *Shikshavalli* ensina o autocontrole envolvido no Brahmacharya, a ordem na qual os Vedas deveriam ser estudados, a adoração de Pranava, etc. Os preceitos, como "fale a verdade", "siga o dharma", "trate a mãe, pai e professor como divindades", aparecem aqui. Sua segunda parte *Anandvalli* descreve como há uma ordem ascendente de bênçãos, a partir da de um ser humano, culminando em Brahmananda. *Bhriyuvalli*, a terceira parte, é o que Varun ensinou ao seu filho, Bhriyu Aitareya Upanishad: Este Upanishad acontece no Rigveda. Fala de como um Jiva (alma) renasce de novo e de novo, de acordo com os pecados e méritos, e como a liberação do nascer e morrer só é possível pela realização da verdadeira natureza do Atman. O Upanishad proclama que o pensamento (Prajna) é o Brahma.

Chhandogya Upanishad: Os dois últimos Upanishads, isto é, o Chhandogya e o Brahadaranyaka, são grandes em tamanho. O Chhandogya Upanishad aparece no Chhandogya Brahmana do Sama Veda. *Chhandogya* quer dizer aquele que canta o 'sama gana' (cantar os hinos do Sama Veda, que são a fonte da música clássica na Índia, louvando todos os deuses). Este Upanishad nos leva a admirar os investigadores da verdade, como Satyakama, Shvetaketu e Narada e os professores espirituais instruídos como Aruni, Sanatkumara e Prajapati. O Upanishad ensina que não há nenhuma diferença entre o Atman de alguém e o brãhmane. Conta-nos como, começando pela pureza da comida e atingindo a pureza da mente e da alma, nós atingimos uma fase em que nos libertamos de todos os laços e alcançamos Atmananda (felicidade).

Brahadaranyak Upanishad: 'Brihad' quer dizer *grande* e 'Aranyaka' quer dizer *floresta*. Como sugere seu nome, este é o maior de todos os Upanishads, e é uma floresta de inspirações e pensamentos espirituais. Normalmente os Upanishads aparecem ao término de um Aranyaka, como antes já foi mencionado. O Aranyaka inteiro do Shukla Yajurveda forma o Brahadaranyaka Upanishad. (O Samhita do Shukla Yajus contém o Isha Upanishad). Nós aprendemos sobre dois reis de Kshatriya, isto é, Ajat Shatru e Janaka, que eram bem versados na filosofia Vedanta. Então, há uma anedota interessante e o diálogo filosófico de Salva Yagyavalkya e a sua sábia esposa Maitreyi. Yagyavalkya diz que a natureza do Atman é amor e felicidade. O Upanishad expõe o tema central de todo o Upanishad: que o homem é divino e que o universo inteiro é Brahma.

Os Quatro Mahavakyas

Há quatro Mahavakyas, ou 'grandes declarações' nos Upanishads. Um Upanishad dentro de cada um dos quatro Vedas proclama enfaticamente a conclusão de sua filosofia, na forma de um Mahavakya. O Aitareya Upanishad do Rig Veda proclama, Prajnanam Brahma - 'Brahma é pura consciência'. O Brahadaranyaka Upanishad do Shukla Yajur Veda diz, Aham Brahmasmi - 'eu sou Brahma'. O Mahavakya do Chhandogya Upanishad do Sama Veda é, Tat Tvamasi - 'Você é o que é'. Aqui 'o que é' quer dizer Brahma, de acordo com o idioma dos Upanishads. Finalmente, o Mandukya Upanishad do Atharva Veda proclama como um Mahavakya, Ayam Atma Brahma - 'Este Atman é Brahma'.

Este tipo de proclamação enfática, que um ser humano tem Atman (alma) dentro dele (ou dela) que não é nada diferente do que o próprio Supremo Brahma, não tem paralelo em nenhum lugar na história das diferentes religiões, só nos Vedas.

O Conceito de Brahma nos Upanishads

É muito difícil de descrever Brahma, ou o Deus Supremo, em palavras. É por isso que se diz: Ekam Sat, vadanti de bahudha de vipra, ou "A Verdade é uma, o sábio fala dela de modos diferentes". Os devotos normalmente agregam muitas das melhores qualidades humanas a Deus, ao descreverem-No. Mesmo assim não conseguem descrevê-Lo adequadamente e acabam fazendo tudo muito humanamente. Os Rishis finalmente desistiram das descrições humanas de Brahma e O descreveram dizendo "Não isto, não aquilo". Nos Upanishads, Brahma é comparado a uma aranha e a Sua criação como a teia de aranha, a qual sai Dele. O universo inteiro emana de Brahma, que reside no centro de tudo. O Atman que reside dentro do corpo também é Brahma. Taittiriya Upanishad diz, "Brahma é O princípio de tudo, por Quem tudo vive depois de nascido, a Quem voltam ao morrerem".

Há uma diferença sutil entre o Deus (Ishvara) e Brahma. Ishvara é Deus quando visto por olhos humanos, em relação ao universo.

É então Saguna Brahman. Quando Brahma é Deus, como Ele é e visto independentemente, Ele é Brahma, ou Nirguna Brahman. Alguns sábios acreditaram que o melhor modo de indicar Brahma é através do silêncio.

CONCLUSÃO

Os Upanishads formam o Jnanakanda, ou a porção que lida com o conhecimento supremo, do Vedas. Eles contêm as últimas mensagens dos Vedas. Eles nos falam que um ser humano não é só composto de um corpo que está sujeito à velhice, decadência e morte, mas também de Atman dentro dele, o qual é divino, eterno e feliz. Uma pessoa pode perceber o Atman ao meditar em Om, o símbolo do Deus Supremo, e tornar-se imortal e feliz nesta mesma vida.

Referências

1. Sri Chandrasekharendra Saraswati (Shankaracharya de Kanchi Kamakoti Peetham), O Vedas, Bharatiya Vidya Bhavan, Bombay, 1991.
2. Swami Prabhavananda, O Upanishads, Sri Ramakrishna Matemática, Madras, 1979.
3. F. Max Muller, O Upanishads, Separam 1, Publicações de Dover, Inc, York, 1884.
4. Swami Ranganathananda, A Mensagem do Upanishads, Bharatiya Vidya Bhavan, Bombay, 1968.
5. D.S. Sarma, O Upanishads uma Antologia, Bharatiya Vidya Bhavan, Bombay, 1964.

"A admissão da ignorância é o primeiro passo para desenvolver conhecimento"

Quatro defeitos dos seres condicionados

Já que até mesmo a maioria das pessoas instruídas está sujeita a quatro tipos de defeitos, confusão (pramada), imprudência (bhrama), enganos (vipralipsa) e imperfeição de sentidos (karanapatava) etc., e mais importante, desde que são incapazes de captar a realidade essencialmente sobrenatural e inconcebível, os seus meios de adquirirem conhecimentos através de sentidos e percepções provaram serem incertos.

Vedas como a fonte de conhecimento transcendental

Então, percebendo que estes (pratyaksa etc.) não sevem como meios apropriados para o conhecimento apropriado, vamos aos Vedas ao buscarmos compreender aquela realidade que transcende a tudo, sendo ainda o substrato de tudo, cuja natureza é inconcebível e maravilhosa - aos Vedas cujas afirmativas não têm nenhuma origem terrena, sendo a fonte de todo o conhecimento, material e espiritual, e tendo sido passado em uma sucessiva linha irrompível desde tempos imemoriais.

Isto é confirmado pelas declarações das Escrituras seguintes:

Brahmasutra 2.1.11 ("Se for discutido que com mera razão não se provê nenhuma base sólida na qual fundarmos nossa posição, veremos outros meios de inferência pelos quais basearemos nossa posição, respondemos 'não, você acabará na mesma dificuldade'.");

Mahabharata, Bhismaparva 5.12 ("A pessoa não deveria usar a razão nessas realidades que são inconcebíveis; pois a essência do inconcebível é distinta dos objetos materiais".)

Brahmasutra 1.1.3 (já que as Escrituras são a fonte [do conhecimento de Brahma]".);

Brahmasutra 2.1.27 (" Isto verifica-se pelo Sruti, já que as Escrituras são a fonte [do conhecimento de Brahma]".);

e Bhagavata Purana 11.20.4 ("Ó Deus, este Seu Vedas é o supremo 'olho' em virtude do qual os semideuses, antepassados e mortais apreendem essas coisas além da gama de percepção, mirando até mesmo a meta mais elevada e os meios de atingi-la".).

Itihasas e Puranas superiores ao Vedas

E aqui, desde que os Vedas são, no momento, difíceis de serem examinadas completamente (devido a indisponibilidade do texto completo e a diminuta memória humana) e duros de compreender - até mesmo pelos sábios que, contradizendo-se uns aos outros, buscaram averiguar o seu significado, - nós examinaremos o *sabda* na forma de Itihasa e Purânas, ambos participantes da mesma natureza dos Vedas e que servem para averiguar o significado dos Vedas. Além disso, estas porções do Vedas que não são conhecidas por si mesmas só podem ser deduzidas examinando os Itihasa e Puranas. Por estas razões, é evidente que na era presente, só Itihasa e Puranas são capazes de gerar o verdadeiro conhecimento.

Assim nós achamos no Mahabharata e Manu-smrti, "As pessoas deveriam completar os Vedas com Itihasa e Puranas" (MBh, Adiparva 1.267); e em outro lugar, "Purana' é assim chamado porque completa (Purana)." Pois da mesma maneira que uma pulseira de ouro lascada não pode ser completada com carne, também os Vedas não podem ser completos por algo não-védico.

A identidade de Itihasa e Puranas com o Rg Veda etc., com respeito à sua origem transcendental, é expressa no próprio Madhyandina Sruti "... da mesma maneira, meu querido, o que é conhecido como Rg Veda, Yajur Veda, Sama Veda, Atharva Veda, Itihasa, Purana... foi emanado daquele Deus Supremo". (Br.U. 2.4.10)

Então, declara-se no Prabhasa Khanda do Skanda Purana; " antigamente, Brahma, o grande Senhor dos semideuses, praticava uma severa austeridade. Como resultado, os Vedas se tornaram manifestos por seis ramos auxiliares e os textos *pada* e *krama*. Então o Purana inteiro, a incorporação de todas as escrituras, imutável, composto do *sabda* eterno, sagrado, e consistindo de cem crores (versos) foram emitidos da boca de Brahma. Escute cuidadosamente as divisões diferentes dela (Purana): o Brahma Purana é primeiro..." (Sk.P. 2.3-5) a frase "cem crores" é conhecida como sendo o número (de versos) que existem em Brahmaloaka.

"Ele [Brahma] manifestou os quatro Vedas, conhecidos como Rg, Yajur, Sama e Atharva, um depois do outro, das quatro bocas dele, começando com a que olha para o leste". (Bh.P. 3.12.37)

"então, o onividente Deus manifestou Itihasa e Puranas, o quinto Veda, de todas as Suas bocas". (Bh.P. 3.12.39) aqui a palavra "Veda" é usada para referir-se a Itihasa e Puranas.

Em outro lugar nós achamos: "O Purana é o quinto Veda"; "diz-se que Itihasa e Puranas são o quinto Veda"; (Bh.P. 1.4.20)

"ele ensinou os Vedas, sendo o Mahabharata o quinto ". (MBh, Moksadharmā 340.11) etc.

Se não fosse o caso (que Itihāsa e Puranas são Védicos por natureza), então a caracterização deles como "o quinto" nos versos precedentes estaria não-comprovada, já que apenas coisas da mesma espécie podem ser combinadas para ser feita uma única soma. Declara-se no Bhavīsyā Purana: "Aquilo que é conhecido como o Mahābhārata é quinto Veda de Kṛṣṇa Dvaipayana (i.e. de Vyasa)". Nós também vemos no Chandogya Upanishad do Kauthumiya Sakha: "Senhor, eu aprendi o Rg Veda, o Yajur Veda, o Sama Veda, e o quarto, ou Atharva Veda, como também Itihāsa e Purana, o quinto Veda entre os Vedas" (Ch.U.7.1.2) Assim, refuta-se a convicção bem conhecida de que as palavras Itihāsa e Purana que acontecem em Br.U. 2.4.10 referem-se somente a porções dos quatro Vedas. Então, declara-se, "O Brahma Purana é primeiro..."

Vayu Purana explica porque Itihāsa e Puranas são considerados o quinto Veda: "Assim Deus todo-poderoso, Bhagavan (Vyasa) me designou [Suta Goswami] ser o expositor autorizado de Itihāsa e Puranas. (No princípio) só o Yajur Veda existia; ele o organizou em quatro partes. Os quatro *Hotrs* (os sacerdote pastores) surgiram; assim ele criou o yajna (sacrifício). Com o Yajur Veda surgiu o ofício de sacerdote de Adhvaryu, com o Rg Veda o de sacerdote de Hotr; com o Sama Veda o de sacerdote de Udgatr; e com o Atharva Veda o de sacerdote de Brahma". (Va.P. 60.16-18)"

(então) **O Melhor dos duas vezes nascidos, (Vyasa)**, qualificado no significado das Puranas, agrupou as Puranas (e Itihāsa) ao (se reunir) ukhyanas, upakhyanas, e gathas. Esta porção restante também está dentro do (original) Yajur Veda: esta é a conclusão das Escrituras sagradas". (Va.P. 60.21-22)

Além disso, no estudo formal das Escrituras, conhecido como brahmajajna, o uso das **Itihāsa e Puranas** é indicado pelas palavras "os Brahmanas, Itihāsa e Purana". Isto também não seria possível se Itihāsa e Puranas não fossem Védicos por natureza.

Então o Deus Supremo declara no Matsya Purana: "Ó melhor dos duas vezes nascidos, percebendo que, no curso do tempo os homens ficam incapazes de compreender o (original) Purana, eu assumo a forma de Vyasa, em todas as eras, e resumo aquele Purana". (Ma.P. 53.8-9)

"em todo Dvāpara Yuga, o Purana que consiste de quatro lakhs (de versos), é dividido em dezoito partes e manifestado no mundo dos mortais. Até mesmo hoje, os (versos) ainda são em número de cem crores no mundo dos devas. O quatro lakhs encontrados aqui representam uma versão condensada dele (Purana original)." (Ma.P. 53.9-11)

E o fato de que Suta também disse "que Esta porção restante está dentro daquele original Yajur Veda "mostra que o quatro lakhs de versos que representam a porção mais significativa dele (Purana original), tendo achado o seu caminho no mundo dos mortais como um resumo conciso das partes essenciais daquele Purana, não representa uma composição separada.

A mesma idéia aparece no Vayaviya Samhita do Siva Purana, discutindo as Puranas no decorrer dos Vedas: "Deus (Vyasa) resumiu os quatro Vedas e os dividiu nas suas quatro partes. Desde que ele dividiu os Vedas (vyastaveda), dele será lembrado na posteridade como "Vedavyasa". **Puranas** também foi condensadas em quatro lakhs (de versos). Até mesmo hoje, (os versos) são em número de cem crores no mundo dos devas ". (Si.P. 1.33-34) aqui, a palavra "condensados" significa "condensados por ele (i.e. por Vyasa). "E os nomes "Skanda", "Agneya ", etc. (pelos quais vários Puranas são conhecidos) referem-se tanto aos que primeiro os declamaram, como aos que os organizaram. Então, se algumas vezes se ouve que (o Puranas) é não-eterno, isto somente se refere ao fato de que eles, às vezes, são manifestados e, às vezes, imanifestos. Assim, a natureza Védica de Itihāsa e Puranas está provada.

Não obstante, aos sutas [os bardos] e outros é permitido o acesso aos **Puranas** já que eles têm o direito de cantar o nome de Kṛṣṇa, que representa as frutas escolhidas do pesquisador de todos os Vedas". Como foi declarado no Prabhāsa Khanda (do Skanda Purana): "O Melhor dos Bhṛgus, o nome de Kṛṣṇa é o mais doce de toda a doçura, o mais auspicioso, a fruta mais escolhida do pesquisador de todo o Vedas, da natureza da pura consciência. Se cantado apenas uma vez, se com devoção ou com desprezo, o nome de Kṛṣṇa transportará um mero mortal para a outra margem". Como foi declarado no Visnu Dharma: "Aquele que profere a palavra de duas sílabas 'Hari' colhe os frutos do estudo do Rg Veda, Yajur Veda, Sama Veda e Atharva Veda ". E a habilidade (das Itihāsa e Puranas) de determinar o significado dos Vedas é mencionada no Visnu Purana: "A pretexto de descrever os eventos do Mahabharata, ele ilustrou o significado dos Vedas. Os Vedas encontram lugar firme para descansar nas Puranas - sobre isto não há nenhuma dúvida".

Além disso, até mesmo se (**Itihāsa e Puranas**) são considerados pertencentes à classe de *sastras* que ilumina o significado dos Vedas, ainda assim, eles superam todos os outros devido à eminência do seu expositor (Vyasa). Como foi declarado no Padma Purana, "Vyasa sabe aquilo que nem Brahma nem os outros sabem. Ele sabe de tudo que é conhecido, enquanto o que é conhecido por ele está além do alcance dos outros". Como foi declarado no Skanda Purana: "Outros pediram emprestado pedaços e pedaços do reino etéreo da mente de Vyasa para o seu próprio uso, da mesma maneira que uma pessoa removeria objetos de uma casa e os usaria".

A mesma idéia é encontrada no Visnu Purana, nas palavras do pai de Vyasa, Parasara: "Então, neste ciclo de vinte e oito yugas, meu filho, o Deus Vyasa, tomou o único **Veda**, consistindo de quatro partes, e o dividiu em quatro. Todos os outros 'Vyasas', assim como eu; também organizamos os Vedas da mesma maneira que o sábio Vedavyasa os tinha organizado. Então, saiba com certeza que os ramos diferentes dos 'Vyasas' nos quatro yugas foram criados somente por esta razão. Ó Maitreya, saiba que Kṛṣṇa Dvaipayana (Vyasa) é o próprio Deus Narayana; pois quem na terra, além dele, poderia ter composto o Mahabharata"? (Vi.P. 3.4.2-5)

E no Skanda Purana: "No Krta Yuga, o conhecimento que fora emitido de Narayana ficou intato. Foi distorcido um pouco no Treta Yuga, e completamente distorcido no Dvapara Yuga. Quando, devido à maldição do sábio Gautama, o conhecimento se transformou em ignorância, os semideuses confusos, conduzido por Brahma e Rudra, buscaram abrigo no benigno doador de refúgio Narayana, e informaram Bhagavan Purusottama o seu propósito ao virem. E o grande Iogue, o próprio Deus Hari, desceu, nascendo como o filho de Satyavati e Parasara, e salvou os Vedas "caído".

Puranas superiores ao Itihasas

A palavra "Vedas" no verso precedente indica tanto Itihasa como Puranas. Ficou assim estabelecido que o estudo de Itihasa e Puranas somente conduzem aos bens mais elevados. E destes, é só a importância dos Puranas que é vista; pois isto é declarado no Narada Purana: "Ó Justo (Parvati), considero que a significação do Puranas excede em valor até mesmo dos Vedas. Os Vedas todo acha lugar firme para descanso no Puranas - sobre isto não há nenhuma dúvida. Aquele que desprezar os Puranas nascerá do útero de um animal, e mesmo se bem-educado e calmo, não achará refúgio em nenhum lugar".

Como foi declarado no Prabhasa Khanda do Skanda Purana: "Ó melhor entre os nascidos duas vezes, eu considero que a significação do Puranas é imutável, assim como a dos Vedas. Os Vedas acham lugar firme para descanso nos Puranas - sobre isto não há nenhuma dúvida. O Veda tem medo desses que têm pouco conhecimento, pensando 'Estes torcerão o meu significado'; e assim o significado dos Vedas foi, antigamente, immortalizado por meio de Itihasa e Puranas. Pois o que não é achado nos Vedas, Ó nascido duas vezes, é achado nos Smrti; e o que também lá não for achado, está relacionado no Puranas. O que conhece os quatro Vedas, juntamente com os Vedantas e Upanishads, sem conhecer o Puranas, não será considerado sábio ". (Sk.P. 2.90-93)

Puranas e os três modos da natureza

Mas agora, embora a natureza autorizada dos Puranas fosse assim estabelecida, a mesma dúvida ainda permanece já que os Puranas também não estão disponíveis na sua totalidade, e já que são concernentes principalmente com o estabelecimento da superioridade de várias deidades, o seu significado também é difícil de ser compreendido pelo homem moderno, de inteligência escassa. Como foi declarado no Matsya Purana: "Uma Purana deveria ter cinco partes, ao invés de um Akhyana. A glória de Hari é maior nas escrituras de sattvika; a glória de Brahma é maior nas escrituras de rajāsika; e a de Agni e Siva maiores nas escrituras de tamāsika. De várias escrituras a glória de Sarasvati e dos pitrs é maior". (Ma.P. 190.13-14)

O nome "Agni" no verso precedente se refere aos sacrifícios vários que são oferecidos nos diferentes fogos. A conjunção ca na frase sivasya indica o cônjuge de Siva, também Parvati é mencionado. O termo "kalpas misturados" se refere às muitas escrituras compostas de sattva, rajās e tamās. "Sarasvati" se refere a deidades várias, indicadas por Sarasvati, o qual é a incorporação de várias palavras. E o pitrs refere-se aos atos sacrificatórios que conduzem ao mundo dos antepassados, como foi declarado em Sruti: "Pelo karma se atinge Pitrloka". (Br.U.1.5.16)

As categorias pelas quais as várias Puranas famosas são descritas no próprio Matsya Purana, baseiam-se somente, em histórias relativas ao kalpas diferentes; mas quais meios podem ser adotados pelos quais a importância relativa destes Puranas pode ser determinada? Se baseamos nossa decisão na importância relativa do três gunas, sattva, rajās e tamās, então, em virtude de declarações como "Do sattva vem o conhecimento" (Bh.G.14.17) e "Sattva é a base para a realização de Brahma", teremos que concluir que só as sattvika Puranas etc. são capazes de nos conduzir à verdade mais elevada.

Entretanto (poderia se perguntar), como você pode conciliar as visões divergentes que são propostas por meio de argumentos vários com consideração até à verdade mais alta? Se você propuser que toda a significação somente poderá ser determinada estudando-se o Brahmasutra, composto pelo Deus Vyasa para arrumar o significado de todo os Vedas e Puranas, os seguidores dos outros sábios que escreveram textos de sutra não aceitarão sua proposta. Além disso, alguém poderia interpretar a significação deste sutras secretos e concisos de uma maneira distorcida; como então se pode saber qual a interpretação correta?

Este assunto poderia ser resolvido de uma vez por todas se só pudessemos apontar uma, entre as muitas escrituras que exibem as características de um Purana, que seja divinamente composta, representando a essência de todo o Vedas, Itihasas e Puranas, baseado no Brahmasutra, e disponível na terra em sua forma completa.

Bem dito! (nós respondemos), pois você descreveu há pouco o mesmo Bhagavata Purana que consideramos ser a regra soberana de todos os pramanas.

Bhagavata Purana (Srimad Bhagavatam) como o pramana mais elevado

Até mesmo depois de manifestar o corpo completo de Puranas, e compor o Brahmasutra, Bhagavan Vyasa ainda não ficou contente, e assim compôs um livro que serve como um comentário natural do seu próprio Brahmasutra, o qual lhe foi revelado em samadhi, e qual só ilustra a significação comum de todas as escrituras como vistas, pelo fato que começa recorrendo ao Gayatri, caracterizado como uma declaração concisa da significação de todo o Vedas. Porque sua verdadeira natureza foi descrita assim no Matsya Purana: "Isso é para ser conhecido como o **Bhagavata** que, baseado no Gayatri, descreve completamente o dharma, e que narra o assassinio do asura Vrtra. Quem fizer uma cópia deste

Bhagavata e oferecer, montado em um trono de ouro, num dia de lua cheia do mês de Bhadra, atingirá a meta suprema. Diz-se que este Purana contém dezoito mil (versos)." (Ma.P. 53.20,22)

A palavra Gayatri no verso precedente refere-se à palavra 'dhimahi' que sempre é encontrada em Gayatri e por isso serve como um indicador de Gayatri, e o significado completo de Gayatri; para um entendimento sincero deste mantra, que é o protótipo de todos os mantras, não teria sido apropriado. O fato que o Bhagavata tem a mesma significação do Gayatri é visto em frases yatah janmadyasya ("de quem vem a origem etc. do universo") e Brahma hrda ("que revelou o Veda [ao criador Brahma] através de seu coração") (Bh.P. 1.1.1), que dá explicações idênticas relativas ao substrato do universo inteiro e a habilidade para inspirar os funcionamentos do intelecto, com as do Gayatri. O palavra dharma na frase dharmavistarrah significa o "dharma" supremo, pois é declarado no próprio Bhagavata Purana: "O dharma supremo, destituído de todos os motivos ulteriores, é achado neste Bhagavata". (Bh.P. 1.1.2) e se fará claro em uma seção subsequente que o dharma só é caracterizado somente por práticas como contemplação etc. da Personalidade da Mente Divina.

Assim, nós também achamos no Skanda Purana, Prabhasa Khanda: "Isso será conhecido como o **Bhagavata** que, baseando-se no Gayatri, descreve o dharma em toda sua plenitude, e que narra o assassinio do asura Vrtra. E isso é conhecido no mundo como o Bhagavata, que tem sua origem em contos relativos aos deuses e homens que vivem no Sarasvata kalpa. Quem fizer uma cópia deste Bhagavata e oferecer, montado em um trono de ouro no dia de lua cheia do mês de Bhadra, atingirá a meta suprema. Diz-se que este Purana contém dezoito mil (versos)." (Sk.P. 2.39-42) e estas mesmas linhas são achadas também no Agni Purana.

E em outro Purana citado pelo comentarista (Sridhara): "Isso é conhecido como o Bhagavata que contém as descrições do Brahavidya de Hayagriva e os atos do assassinio de Vrtra, que abre com referência ao Gayatri e que consistem em doze skandhas e dezoito mil (versos)." E o fato de o termo "Hayagrivabrahavidya" do verso precedente acontecer junto à frase "o assassinio de Vrtra" mostra que se refere a Narayanavarma" (a armadura de Narayana). O nome "Hayagriva" neste verso refere-se ao cabeça de cavalo Dadhici, que inaugurou o conhecimento de Brahma conhecido como "Narayanavarma". O fato de ter cabeça de um cavalo é apresentado no sexto skandha (Bh.P. 6.9.52) com a frase "que tem o nome 'Asvasiras' ('Cabeça-de-cavalo)"; e o fato de "Narayanavarma" significar "Brahavidya" aparece no verso citado por Sridhara no comentário dele em Bh.P. 6.9.52: "ouvindo isto, Dadhici, o filho de Atharva, tido sido recebido respeitosamente pelos gêmeos Asvins, os instruiu na cerimônia de Pravargya e o Brahavidya, temeroso de romper a promessa dele para com eles".

Uma vez que o Bhagavata é caro a Deus e apreciado pelos Seus devotos, é a maioria sattvika (das Puranas). Como foi colocado na pergunta de Gautama a Ambarisa, no Padma Purana: "Ó Rei, o senhor recita o Bhagavata na frente de Hari, deixando de lado o Rei de Daityas (Hiranyakasipu) e (o filho dele) Prahlada"? (Pa.P., Uttara Khanda 22.115)

Na mesma seção, Gautama instrói Ambarisa na grandeza do voto de Vyanjuli: "Aqueles que ficam acordados por toda a noite (do 'Vyanjuli Mahadvadasi') e escutam composições relativas a Visnu: O Bhagavad-gita, os Mil Nomes de Visnu, e o Purana ensinado por Suka (o Bhagavata), estes trazem satisfação a Hari, e deveriam ser citados com grande reverência".

Em outro lugar na mesma seção, "Ó Ambarisa, se você desejar acabar com o ciclo de nascimento e morte, escute diariamente o Bhagavata ensinado por Suka, e também recite-o com seus próprios lábios".

E no Dvarakamahatmya do Prahlada Samhita do Skanda Purana: "Aquele que permanece acordado (no Harivasara) e recita o Bhagavata com devoção, na presença de Hari, atinge a habitação de Visnu, junto com toda a sua família".

Srimad Bhagavatam, o comentário natural no Vedanta

E no Garuda Purana: "Esta composição está sumamente perfeita. Contém o significado do Brahmasutra e determina o significado do Mahabharata. Funciona como um comentário no Gayatri e fortalece o significado dos Vedas. É o Sama Veda dos Puranas, declarado pelo próprio Bhagavan. Contém doze skandhas, numerosos vicchedas, e dezoito mil (versos), e passa pelos nomes Srimad Bhagavata".

"Contém o significado do Brahmasutra": quer dizer, representa um comentário natural nos sutras. Previamente, tinha sido revelado no coração (de Vyasa) em uma forma sutil; foi resumido então, e fez-se manifesto na forma de sutras. Depois, apareceu em sua forma plena como o próprio Bhagavata. Então, já que o Bhagavata representa um comentário por si mesmo revelado no Brahmasutra, segue-se que só os comentaristas modernos que estejam em consonância com o Bhagavata serão respeitados".

Isto determina o significado do Mahabharata: (quer dizer, contém a determinação do significado do Mahabharata que se caracteriza como segue): "O Mahabharata é exaltado como o que determina a significação de todas as escrituras. Antigamente, Brahma e os outros devas, juntamente com todos os rsis, se reuniram sob o comando de Vyasa, e compararam o peso do Mahabharata com todo o Vedas. As balanças se inclinaram a favor do Mahabharata. (Então), por causa de sua grandeza (mahattva) e seu peso (bharavattva), é conhecido como o Mahabharata".

A importância do Mahabharata é explicada em Srimad Bhagavatam. E o significado de ambos está apenas em torno de Deus. Assim, os versos seguintes são proferidos por Janamejaya a Vyasa, na seção Narayaniya do Moksadharma (Mahabharata): "Ó Brahma, cofre das severidades, da mesma maneira que a manteiga fresca é extraída de coalhos e o

sândalo das montanhas do Malaya, os Upanisads dos Vedas e o néctar das ervas, assim também, ao agitar do oceano da sabedoria mais elevada com o agitar da vara do conhecimento, tenha este néctar de palavras que você proferiu, baseado em histórias relativas a Narayana, extraído das lendas encontradas no Mahabharata, espalhadas ao longo destes cem mil versos". (MBh, Moksa-dharma 170.11-14)

Também se lê no terceiro skandha: "(Maitreya) e também seu amigo, o sábio Krsna Dvaipayana (Vyasa), sentiam um desejo de descrever as virtudes de Deus, e assim narraram o Mahâbhârata, no qual os corações dos homens são levados à frente com histórias sobre Hari, através de repetidas causas de prazeres menores".

"Suas funções como um comentário no Gayatri": pois isto é explicado desta forma nas seções do Visnudharmottara, etc. que contêm exposições no Gayatri, que só Deus é descrito em detalhes (no Gayatri). Uma explicação semelhante também será dada sobre esta consideração no comentário em Bh.P. 1.1.1.

"Fortalece o significado do Vedas": quer dizer, em virtude do Bhagavata, é fortalecido o significado do Vedas. Então se diz, "A pessoa deveria completar o Vedas com Itihasa e Purana". (MBh, Adiparva 1.267)

O verso seguinte do Bhagavata, citado no Vrata Khanda (do Caturvargacintamani) de Hemadri, determina que o significado do Mahâbhârata é equivalente ao do Vedas: "O sábio Vyasa compôs o épico Mahabharata, tendo em mente que conduziria ao bem-estar as mulheres, os sudras e os decaídos duas vezes-nascidos que não são autorizados a ouvirem os três Vedas, e pensou que esta ação conduziria ao supremo bem deles". (Bh.P. 1.4.25) Assim, de acordo com este ponto de vista, a frase "ele determina o significado do Mahabharata" deveria ser interpretada como "o significado do Mahabharata é determinado no Bhagavata como sendo equivalente ao do Vedas".

Já que a composição conhecida como o Srimad Bhagavatam e caracterizada pela frase "baseado no Gayatri" concerne apenas sobre Deus, pode-se dizer que serve como um comentário no Gayatri o qual concerne apenas sobre Deus. Então declarou-se, "Que seja conhecido como o Bhagavata o qual, baseando-se no Gayatri, descreve o dharma em toda sua plenitude..." Uma explicação detalhada semelhante é apresentada na exposição do Gayatri encontrada no Agni Purana. Uma breve frase daquele trecho:

"Aquela 'luz' (mencionada no Gayatri) é o supremo Brahma, pois a palavra bhargas indica a luz da consciência". (Ag.P. 216.3)

"Aquela 'luz' é Deus Visnu, a fonte da origem, preservação, e dissolução do universo. Há alguns que repetem o nome 'Siva' (em lugar de Visnu), alguns 'Sakti', 'Surya', outros de outras deidades, enquanto os sacerdotes de Agnihotr repetem o nome 'Agni'. Verdadeiramente é Visnu que assumiu a forma de Agni e do resto, e é reverenciado no Vedas etc. como Brahma". (Ag.P. 216.7-9)

Uma explicação semelhante também será dada sobre o comentário em Bh.P. 1.1.1. E na seção final do Bhagavata, a linha final do verso 12.13.19, enquanto começando por *tac chuddham*, é idêntico em importância à explicação do Gayatri encontrada no Agni Purana: "Deixe-nos meditar no eterno, puro, supremo Brahma, a luz perpétua, e o Senhor mais elevado, (pensando) 'eu sou a luz, o supremo Brahma, para atingir a libertação". (Ag.P. 216.6,7). Aqui, a frase "eu sou Brahma" indica um tipo de meditação no qual se assume uma atitude de identidade com Brahma a fim de se ajustar para a adoração de acordo com o princípio "Aquele que não é divino, não pode adorar o divino". O verbo *dhyayema* ("Deixe-nos meditar") significa "possa eu, e todos nós, meditar".

Entretanto, em virtude deste verso, poderíamos esperar achar o eixo adanta no Gayatri. Porém, isto pode ser explicado com a ajuda do Panini Sutra 7.1.39 Supam Suluk como um exemplo de uma irregularidade Védica, na qual a terminação do acusativo singular –am é substituído pela terminação -su.

E nas passagens prosaicas que elogiam o sol como objeto de adoração no Gayatri (Bh.P. 12.6.67-69), o sol não deve ser visto como uma entidade independente, mas como indicadora do Paramatma, deixando essas passagens livres de jaça. As palavras de Saunaka ao término do Bhagavata serão entendidas semelhantemente: "Falem-nos, os que estão cheios de fé, das manifestações de Hari, sob a forma de sol". (Bh.P. 12.11.28)

E a 'luz' (mencionada no Gayatri) não se refere somente àquele que mora no sol físico, pois, como indicado pela palavra *varenya* ("o de maior mais excelência") do Gayatri e o palavra *para* ("supremo") do Bhagavata (1.1.1 e 12.13.19), sua aplicação se estende até a majestade de *isvara*. Então, está no Agni Purana, "Pela meditação, os purusa podem ser vistos habitando no disco do sol. (Mas) o domicílio supremo de Visnu, Brahma, é real e sempre auspicioso". (Ag.P. 216.16,17) Isto quer dizer, por meditação, os purusa, que se manifestam como habitantes de dentro do disco do sol, vão perecer na hora da dissolução, de forma que os habitantes dos três mundos podem adorá-Lo, podem ser vistos, isto é, adorados. Mas o domicílio supremo de Visnu, na forma de Vaikuntha, por si é real, imutável no passado, presente, e futuro, livre de todas as perturbações, já que participa da natureza de Brahma.

Depois de explicar desta forma o Gayatri, o Agni Purana faz também uso do verso começando com *yatradhikrtya gayatrim* (Ag.P. 272.6) na seção que trata das características das Puranas. Assim encontramos os versos seguintes: "O Agni Purana considera que o Gayatri lida apenas sobre Deus, que assim acontece por ser a fonte da origem, preservação, e dissolução do universo. O Bhagavata, caracterizado pela frase, 'baseado no Gayatri', já floresce ao longo da terra". Assim é a origem do Bhagavata se manifestou para estar baseado no Gayatri.

E a declaração anterior relativa ao Sarasvata Kalpa também é apropriada pois Sarasvati, cuja característica distintiva é falar ilustrativamente de Deus, representa a essência do Gayatri. Como foi declarado no Agni Purana, "é chamado Gayatri porque canta (gayati), ou revela, textos Védicos, a luz divina, e as forças vitais. É chamado Savitri (a filha do sol) porque tem o poder de iluminar. E desde que a fala representa a essência do sol, também é chamada Sarasvati". (Ag.P. 216.1,2)

"É o Sama Veda de Puranas": quer dizer, da mesma maneira que o Sama Veda é o mais perfeito dos Vedas, o Bhagavata é o mais perfeito dos Puranas. Então, nós vemos no Skanda Purana: "Se o Bhagavata não for mantido na casa de alguém no Kali-yuga, que proveito terão coleções de outras escrituras, contadas em centenas e milhares? Como pode ser considerado um Vaisnava alguém que, no Kali Yuga, não mantenha o Bhagavata em sua casa? Até mesmo se ele for um brahmana, será mais baixo que um fora de casta. Narada, sábio, onde quer que o Bhagavata seja achado no Kali Yuga, lá Hari estará junto, com todos os semideuses. Ó Muni, a alma piedosa que recita diariamente um verso do Bhagavata colhe os frutos dos dezoito Puranas". (Sk.P., Visnu Khanda 16.40,42,44,331)

Pois da mesma maneira que o Sama Veda traz um tema comum que transpassa os três kandas do Vedas (karmakanda, jnanakanda, e upasanakanda), assim o Bhagavata demonstra o fato que alguns dos outros Puranas que são ocasionalmente vistos participando da natureza de rajas e tamas, e não parecem ser interessados em Deus, no final das contas acham a sua resolução apenas em Deus, como apresentado no Bhagavata. Então se diz, "No Vedas, Ramayana, Puranas e Mahabharata, Hari é elogiado em todos os lugares, no princípio, meio e no fim". A verdade desta declaração é demonstrada no Paramatma-sandarbha.

"Dito pelo próprio Deus": isto deve ser entendido conforme as palavras finais do Bhagavata: "Deixe-nos meditar no Deus que revelou o Bhagavata a Brahma..." (Bh.P. 12.13.19)

"Contém sata vicchedas": Esta frase não será discutida, pelo medo de alongar este texto indevidamente.

Assim, a interpretação de Sridhara da frase hemasimhasamanvitam traz o significado "montou em um trono de ouro" realmente se ajusta, pois como há pouco foi demonstrado, o Bhagavata ocupa a posição de governo soberano sobre todas as escrituras. Por conseguinte, tanto a superioridade do Bhagavata, como a necessidade de seu estudo repetido estabelece-se no Skanda Purana: "Que proveito têm coleções de outras escrituras contadas por centenas e milhares...?" (Sk.P. 16.40) estabelece-se então que, na era presente, os que buscando saber a verdade mais elevada devem apenas estudar o Bhagavata Purana.

Assim, embora exista uma variedade de escrituras, é apenas o Bhagavata que é descrito como segue: "Este Purana subiu como o sol para esses carecentes de visão no Kali Yuga". (Bh.P. 1.3.44) Fica demonstrado assim que, fora o iluminado Bhagavata, nenhuma outra escritura é capaz de iluminar corretamente a realidade.

Comentários no Srimad Bhagavatam

O tantra conhecido como **Tantrabhagavata** é considerado, na seção do Hayasirsa Pancaratra que classifica as escrituras, por representar um comentário virtual no Bhagavata. Comentários reais no Bhagavata incluem o Hanumadbhasya, Vasanaabhasya, Sambandhokti, Vidvatkamadhenu, Tattvadipika, Bhavarthadipika, Paramahamsapriya, Sukahrdya, etc. Lá também existe uma variedade de Nibandhas, compostos por autores distintos, bem conhecidos pelas suas interpretações particulares, como o Muktapphala, Harilila, Bhaktiratnavali, etc. O Bhagavata também é elogiado no Danakhanda do Caturvargacintamani de Hemadri, na seção que trata da dádiva dos Puranas, como encarnando as características mencionadas no Matsya Purana (53.2-23). E no Parisesakhanda do mesmo trabalho de Hemadri, ao determinar o dharma apropriado ao Kali Yuga, na seção de Kalanirnaya, o Bhagavata verso 11.5.36 cita: "Os nobres elogiam o Kali Yuga..."

Porém, Sankara, comumente aceito como um avatara de Siva, percebeu que a significação do Bhagavata, caracterizada por expressões verbais relativas às alegrias de bhakti, que ultrapassam até mesmo a alegria da libertação, era superior às próprias doutrinas dele e teve medo de conspurcar as visões encontradas nesta composição divina exposta no Vedanta. Ele propagou a doutrina de Advaita sob o comando de Deus, a fim de que a verdadeira natureza deste último pudesse permanecer escondida. Ainda, Sankara desejou que as próprias palavras dele fossem frutíferas, e assim mencionassem o Bhagavata indiretamente, ao descrever em certos trabalhos, como o seu Govindastaka, etc. certos eventos só achados no Bhagavata, como o assombro de Yasoda diante da visão da forma universal (de Krsna), o roubo de Krsna das vestes dos gopis, etc.

A Tradição traz que, depois de ver que o Bhagavata não foi apenas evitado, mas de fato foi respeitado por Sankara, e temendo que outros Vaisnavas poderiam cair sob a influência dos comentários impróprios escritos pelos outros discípulos de Sankara, como Punyaranya etc., o venerado Madhvacharya abraçou as visões dos Vaisnavas e escreveu um tatparya diferente, mostrando o verdadeiro caminho: assim é descrito pelos Vaisnavas.

Sukadeva Goswami como o orador do Srimad Bhagavatam

As declarações seguintes, encontradas no próprio Bhagavata, são então apropriadas. "(Vyasa) deu este Bhagavata ao seu filho (Suka), o melhor dos iniciados, representando os extratos essenciais de todo o Vedas e Itihasas". (Bh.P. 1.3.41,42)

Considera-se que "o Bhagavata representa a essência de todo o Vedanta. Aquele que se satisfaz por seu néctar não sentirá nenhum gosto por qualquer outra coisa". (Bh.P. 12.13.15)

Conhedores de frutos sazonados da terra, bebam novamente e novamente, durante todos seus dias, o suco do Bhagavata, a fruta madura da árvore do desejo cumprido do Vedas, cujo néctar flui dos lábios de Suka (como o suco de uma fruta madura da boca de um papagaio)." (Bh.P. 1.1.3)

"Eu busco refúgio com (Suka), o filho de Vyasa e mais venerável dos sábios que, sem compaixão pelos seres mundanos, cobiçosos de ir além da escuridão ofuscante (da ignorância), recitou o 'segredo' dentre os Puranas, de majestade incomum, a essência de todo o Sruti, inigualado, e o iluminador do Auto-conhecimento". (Bh.P. 1.2.3). Assim indica-se que as doutrinas encontradas no Bhagavata são soberanas, ou seja, acima de todas as outras doutrinas.

Suka tomou assento no meio da assembléia de todos os sábios, e exibiu totalmente sua superioridade sobre deles, assumindo o papel de preceptor de Srimad Bhagavatam.

Pois se diz: "Os purificadores do mundo, as sábias almas elevadas foram lá com os seus discípulos: Atri, Vasistha, Cyavana, Saradvat, Aristanemi, Bhrgu, Angira, Parasara, Visvamitra (o filho de Gadhi), Rama, Utathya, Indrapramada, Idhmavaha, Medhatithi, Devala, Arstisena, Bharadvaja, Gautama, Pipalada, Maitreya, Aurva, Kavasa, Kumbhayoni, Dvaipayana (Vyasa), o venerável Narada, como também outro devarsis, brahmarsis, e rajarsis, inclusive Aruna e outros - pois freqüentemente homens santos, a pretexto de fazer peregrinação a um lugar santo, de fato purificamos pela própria presença. O Rei Pariksit deu boas-vindas aos chefes reunidos dos vários clãs santos, reverenciando-os com inclinações de cabeça e o rei sábio saudou os sábios que estavam cheios de alegria, e, levantando-se diante deles com as palmas unidas, informou-os da sua intenção". (Bh.P. 1.19.9-12)

Então (o rei disse): "Assim, ó sábios, tendo confiado plenamente em vocês, farei uma pergunta urgente relativa ao dever. Que pura ação deve ser executada com toda a alma por esses que estão a ponto de morrer? Por favor, considerem esta questão entre vocês". (Bh.P. 1.19.24)

Quando o rei fazia esta pergunta, (Suka), o filho de Vyasa, apareceu, vagando à vontade sobre a terra, livre de cuidados, não trazendo nenhuma marca distintiva, contente consigo mesmo, trajado como um avadhuta, e cercado por crianças". (Bh.P. 1.19.25)

"Todos os sábios levantaram-se de seus assentos... 'e' o mais nobre do Bhagavan Suka, cercado por estes brahmarsis mais eminentes, rajarsis e surarsis, brilhou fulgurantemente, como a lua cercada por grupos de planetas, constelações, e estrelas". (Bh.P. 1.19.28,30)

Embora Vyasa, o guru de Suka, e Narada, o seu guru principal, estivessem lá presentes, ainda assim, o Bhagavata fluiu dos lábios de Suka de tal maneira que lhes pareceu como se nunca o tivessem ouvido antes. Este é o sentido no qual se diz que Suka instruiu os dois. Como foi dito "... cujo néctar flui dos lábios de Suka". (Bh.P. 1.1.3) assim, também a superioridade do Bhagavata é vista neste sentido.

Srimad Bhagavatam expõe o bem supremo

Essas declarações, então, que se ouvem relativas à superioridade de outros Puranas, como o Matsya, etc., só é verdade relativamente. Mas qual é a necessidade de tanto argumento? O Bhagavata é o representante apropriado de Krsna. Como foi declarado no primeiro skandha: "Agora que Krsna voltou ao seu próprio domicílio, junto com o dharma e o conhecimento, etc... este Purana subiu como o sol para esses carecentes de visão no Kali Yuga". (Bh.P. 1.3.43,44)

O Bhagavata é tido como dotado de todas as virtudes, como se demonstra no verso, "O dharma supremo, destituído de qualquer motivo ulterior, é achado neste Bhagavata..." (Bh.P. 1.1.2) Este fato é demonstrado mais adiante pelas palavras de Vopadeva, no Mukthaphala: "Os Vedas, Puranas, e Kavya dão conselhos como um governante, um amigo, e alguém amado, mas diz-se que o Bhagavata dá conselhos como todos os três combinados." Assim, até mesmo se alguns considerarem que outros Puranas são dependentes dos Vedas, a mesma suposição quanto ao Bhagavata é dispersada pelo próprio Bhagavata; isto também é patente. Então, o Bhagavata representa a forma mais elevada de Sruti. Como se diz, "Como então, o diálogo entre o sábio real Pariksit e o sábio Suka aconteceu, cujo resultado este Satvati Sruti se tornou manifesto"? (Bh.P. 1.4.7)

E o fato que Vyasa só compôs o Bhagavata depois de completar todos os outros Puranas, como declarado antes, pode ser verificado ao se examinar o diálogo entre Vyasa e Narada, registrado no primeiro skandha.

Vishnu

Vishnu quer dizer o doador e o provedor das coisas. Os Vedas o descrevem como o deus dos três passos largos, mantenedor da lei e doador de benefícios. No curso dos tempos, ele se tornou Narayana, o que literalmente quer dizer o morador das águas e morador dos seres humanos. A palavra *nara* tanto significa água (naram) quanto humano (nara) .

Vishnu reside nas águas lácteas de Vaikunth em uma cama feita das mil voltas do rolo da grande serpente, Adishesha, de dimensões infinitas. A deusa Lakshmi, sua cōnjuge, serve-lhe. Simbolicamente, o oceano representa felicidades e consciência; a serpente, o tempo, a diversidade, desejo e ilusão; e a deusa Lakshmi, as coisas materiais e poderes criativos.

A cor de Vishnu é a cor de uma nuvem azul escura. É a cor do céu, denotando as suas dimensões cósmicas, a sua conexão com os deuses Védicos da chuva e do trovão, e a sua relação com a terra. Normalmente é descrito com uma face, quatro braços, em uma postura parada ou em uma postura de descanso. Ele usa um colar feito da famosa pedra preciosa Kaustubha que recai sobre o lado esquerdo de seu tórax e outra guirlanda de flores e pedras preciosas, chamada Vaijayanti.

Os seus quatro braços dele seguram sankha (uma concha), chakra (disco), gada (bastão) e padma (flor de lótus) respectivamente. A concha representa os cinco elementos, o som de AUM, salagrama, deusa Lakshmi, as águas, pureza e perfeição. O disco é a arma terrível de Vishnu, o qual ele usou para destruir o mal e proteger o íntegro. Isto simbolicamente representa a claridade do sol que ilumina e derruba a escuridão. Também representa uma consciência mais elevada que destrói todas as ilusões. O bastão representa o poder do conhecimento enquanto a flor de lótus simboliza a beleza, a harmonia, a pureza, o elemento água, a criação e a realização do ego.

Suas Encarnações:

Como foi declarado no Bhagavad Gita, sempre que há o predomínio do mal, Deus encarna na terra para restabelecer o dharma, castigar o mal e proteger o fraco e o íntegro. Geralmente todas as encarnações de Deus são associadas com o Deus Vishnu, porque Vishnu é aquele que preserva os mundos e o propósito da encarnação é esse também. A lista das encarnações de Vishnu varia. O número de encarnações que geralmente são aceitas é dez, das quais nove já aconteceram, enquanto a décima ainda deve acontecer. Em algumas versões, encontramos uma lista de 23 encarnações de Vishnu que inclui os nomes de Dattatreya, Satvata e Vedavyasa.

As nove encarnações geralmente aceitas são: a encarnação de um peixe (matsyavatara), a encarnação de uma tartaruga (kurmavatara), a encarnação de um javali (varahavatara), a encarnação do homem leão (narasimhavatara), a encarnação de um pigmeu (vamanavatara), a encarnação de Parasurama (parasuramavatara), a encarnação de Rama (ramavatara), a encarnação de Balarama (baramavatara), e a encarnação de Sri Krishna (krishnavatara). A décima encarnação, a encarnação de Kalki, um deus feroz, ainda há de vir. A lista de encarnações algumas vezes inclui a encarnação de Buda no lugar de Balarama.

A verdade sobre encarnações de Vishnu:

O fato é que há muito mito tecido ao redor da teoria das encarnações. Como já notamos, algumas das encarnações designadas a Vishnu previamente eram designadas a Brahma. Secundariamente, em nenhuma das encarnações se declarou como encarnação de Vishnu. Foram feitas tentativas de se fazer o Buda como uma encarnação de Vishnu. Isto, provavelmente, era para trazer o Budismo como desdobramento do Vaishnavism, com respeito à popularidade crescente do Saivism, já que os seguidores encaravam tanto o Vaishnavismo quanto o Budismo com o mesmo desdém.

Enquanto nós não tivermos certeza sobre a autenticidade da lista de encarnações ou os eventos associados a muitas das encarnações, a idéia da encarnação é uma idéia plausível e logicamente aceitável. Ajusta-se perfeitamente no conceito de Deus como o criador e sustentador do *dharma* e *rta* (ordem e equilíbrio) no universo.

A versão mais iluminada da teoria de encarnação é aquela em que Deus escolhe **modos diferentes** para restabelecer a ordem e equilibrar o universo. Estando na descida direta, com todos os poderes latentes em forma de humanos e com todas as divindades auxiliares ou associadas que também os unem ao plano terrestre para dar assistência a Ele em Seu trabalho. Esta é propriamente uma encarnação (purnavatara) como a encarnação de Rama ou Krishna. Ele só assume esta forma quando um mal de dimensões gigantescas eleva sua cabeça e começa a fomentar dificuldades a todos.

Segunda, só um aspecto (amsa) d'Ele manifesta-se na terra na forma de uma **grande alma** para um propósito específico, geralmente como um vidente, um guru, um governador, ou um artista. A encarnação de **Vedavyasa** ou Dattatreya vem sob esta categoria chamada manifestação parcial ou amsavatara.

Terceira, Ele, afinal de contas, não desce, mas escolhe um **ser humano particular** como o seu veículo e envia a ele conhecimento ou mensagens, respostas e soluções. Muitos profetas, inventores, e santos profetas que puderam abrir canais específicos de comunicação com Deus ou quem Deus escolheria para falar, entram nesta categoria.

Quarta, Ele encarnaria em outro lugar com um dos três modos supracitados, mas **incorpóreo**, e ajudaria a terra de um modo geral. Não temos idéia sobre estas encarnações. Mas falando estritamente sobre todas as manifestações de

Brahma como vários deuses e deusas em mundos vários, somente as Suas encarnações poderiam ser incluídas nesta categoria.

Encarnações secundárias de Vishnu:

Estes são deuses que desceram a este mundo para uma tarefa específica e com um aspecto de Deus Vishnu. Menção pode ser feita a Dattatreya, Kapila, Dhanvantari, Mohini, Hayagriva, Naranarayana, Vedavyasa e Yajna.

Dattatreya: Filho de Atri e Anasuya que alcançou domínio completo dos Vedas, Dattatreya aperfeiçoou os ritos associados com suco de soma, invocações de poderes mais elevados por magia e uma espécie de tantra. Ajudou quem não era da religião Védica, ensinando-lhes os Vedas e ajudou na sua assimilação na sociedade Védica. Provavelmente por isto, foi-lhe determinado o selo de impureza e negadas as honras devidas. Porém, parece que depois o status de divindade foi reconhecido e restabelecido. Ele é descrito como tendo três cabeças, quatro mãos e sempre seguido por quatro cachorros fiéis. As três cabeças denotam a sua conexão com a Trindade, não só com Vishnu. As suas quatro mãos significam a sua divindade e sobrenaturalidade, e os quatro cachorros simbolicamente representam os quatro Vedas e o seu domínio sobre eles.

Kapila: Kapila era o fundador da escola de filosofia Sankhya, autor das Kapilasutras. Sua filosofia ganhou imensa popularidade na Índia antiga e inspirou muitos estudantes nas especulações sobre as convicções religiosas existentes. Provavelmente a inclusão de Kapila como uma encarnação secundária de Vishnu foi uma tentativa para fazer alguma aproximação entre a filosofia de Sankhya e o Brahmanismo, da mesma maneira que houve uma tentativa para se considerar Buda como uma encarnação de Vishnu para aproximação entre o Budismo e o Vaishnavism. O sábio Kapila disse ter amaldiçoado os sessenta mil filhos de Sagara e reduzido-os a cinzas, o que depois incitou Bhagirath a sofrer penitências severas e fazer descer o Ganges que estava fluindo nos céus. Nem se tem a segurança de que Kapila foi o fundador da filosofia de Sankhya.

Dhanvantari: Ele provavelmente era um médico famoso na Índia antiga, dotado de um conhecimento excelente sobre a medicina herbária e de poderes curativos milagrosos. Na história mitológica de Sagarmanthan (o agitador dos oceanos), encontramos o nome de Dhanvantari. Depois que os deuses e demônios começaram a agitar o oceano à procura de imortalidade, Dhanvantari disse que apareceu diante deles com um recipiente que continha ambrosia nas suas mãos dele. Não sabemos então se Dhanvantari é um título dado a um médico especialista ou o nome de um indivíduo. Sendo a verdade, Vishnu também é um grande curandeiro, porque curar é uma parte do seu trabalho de preservação. Já que Dhanvantari foi um grande médico, provavelmente foi aceito como uma encarnação secundária de Vishnu.

Hayagriva: Reintroduziu o conhecimento perdido de Yajurveda ao gênero humano, por Yajnavalkya e provavelmente no período pós-Rigveda. Acredita-se que é um aspecto de Vishnu como o deus do sol e é descrito como uma deidade com a cabeça de um cavalo. Nas imagens é descrito como tendo oito braços que levam os vários emblemas de Vishnu

Mohini: Mohini iludiu os demônios e impediu que se servissem da ambrosia. Mohini é considerado como uma encarnação de Vishnu porque a ilusão é uma arma importante no arsenal de Vishnu, por isso também é chamado mayavi, o criador de ilusão. Mohini iludiu Siva, resultando disso o nascimento do sábio Maya Machchindra.

Nara-Narayana: Nara quer dizer o humano e Narayana quer dizer o Ser Supremo. Popularmente refere-se a Arjuna e Sri Krishna como Nara e Narayana. Há histórias mitológicas que explicam a origem e as façanhas de Nara e Narayana, que também são creditadas na história da criação de Urvashi, a ninfa celestial, e o assassinio de um demônio com mil armaduras (tipos de ignorância). Crê-se que qualquer ser humano com a divindade despertada e que trabalhe para o bem-estar de humanidade é um Nara-Narayana, uma encarnação de Vishnu na terra, trabalhando para a preservação do dharma ou retidão. Nas imagens são mostrados Nara e Narayana juntos ou separadamente. Quando são mostrados separadamente, Nara tem duas cabeças e usa um couro de cervo, enquanto Narayana é mostrado à esquerda, com quatro braços que levam os emblemas habituais de Vishnu

Yajna: Vishnu é considerado como Purusha que nasceu fora de sacrifício e foi sacrificado em troca. No Bhagavad Gita, diz Sri Krishna que Brahma está presente no Yajna (brahma nityam yajne pratisthitam) e que Deus é o recebedor (bhokta) como também o senhor (prabhu) de todos os sacrifícios. Na encarnação dele como Yajna, Vishnu é chamado Yajneswara, ou Deus do Sacrifício. Assim, é descrito normalmente com duas cabeças, sete mãos, três pernas e quatro chifres. As suas sete mãos levam objetos diferentes que são geralmente usados no desempenho do Yajna.

Ved Vyasa: Ved vyasa é o autor do Mahâbhârata, épico famoso, as Puranas e os Brahmasutras. Credita-se a ele também a divisão dos hinos védicos na forma presente de quatro Vedas. Vedavyasa é o codificador e preservador da memória humana e do conhecimento na forma de escritos imortais e, conseqüentemente, temos a sua identificação com Deus Vishnu. Ved Vyasa geralmente é descrito como um vidente, com cabelo nodoso, esbelto em sua forma e bem moreno na aparência, na companhia dos quatro discípulos dele, isto é, Jaimini, Paila, Vaisampayana e Sumantu.

VEDA VYASA

'Coordenador', este título é comum a muitos autores e compiladores antigos, mas especialmente é aplicado a Vedavyasa, o coordenador dos Vedas que, pela natureza imperecível do seu trabalho, também é chamado de Saswatas, 'o imortal'. Seu nome também é visto como compilador do Mahabharata, o fundador da filosofia da Vedanta, e o coordenador das Puranas; todas estas pessoas são, seguramente, idênticas a Vedavyasa. Mas isto é impossível, e a atribuição de todos estes trabalhos a uma pessoa só ou surgiu de um desejo de levantar a sua antiguidade e autoridade, ou da identidade assumida de vários coordenadores "diferentes". Fonte: Dowson's Classical Dictionary of Hindu Mythology

Os sábios hindus

Foram os sábios que enriqueceram e trouxeram glória à cultura e filosofia Índia desde tempos imemoriais. Eles moraram nas florestas, longe da influência de áreas urbanas, e levaram uma vida severa e austera. Contribuíram para a glória e prosperidade da nação fazendo penitências e yagas que exaltavam Deus.

Vedavyasa, o grande sábio da Índia

VedaVyasa é um desses sábios que tiveram um papel muito predominante para o crescimento da herança da Índia. Seu pai foi outro grande sábio. Fora o autor de Parasarasmrithi, um desse Smrithis que entregam regras de conduta humana.

Nascimento de Vyasa

O Maharshi Parasara, um dia, estava entrando em um barco no rio Sarayu. Satyavathi, a jovem filha virgem de Dasaraju, o rei dos pescadores, estava remando o barco. Parasara, por vontade divina, ficou cativo pela beleza de Satyavathi e tiveram relações amorosas. Ele lhe deu o benefício da retenção da sua virgindade. Então, Satyavathi deu à luz uma criança masculina, que era de cor escura, em uma ilha (dwipa) no rio Yamuna. Aquela criança foi chamada Vyasa, por causa do nome da ilha. Sendo ilegítimo, foi chamado Kanina, (o 'bastardo'); por sua aparência recebeu o nome Krishna (moreno), e pelo local de nascimento foi chamado Dwaipayana (insular).

Depois que Vyasa cresceu, o sábio Parasara o levou para o seu convento, localizado no meio das florestas, e lhe ensinou todos os Vedas e assuntos afins.

Vedavyasa era o filho ilegítimo do Rishi Parasara e Satyavati, e sua mãe casou depois com o Rei Santanu, de quem teve dois filhos. O mais velho, Chitrangada, foi morto em batalha, e o mais jovem chamou-se Vichitravirya.

Conta-se que Vedavyasa, que nasceu de uma mulher de pescador, é considerado um Brahmin porque seu pai também era. A mesma mulher do pescador, depois de casar com o rei Shantanu, foi considerada desde aquele tempo em diante como pertencente à casta de Kshatriya. Foi considerado que os seus filhos, Chitrangada e Vichitravirya, eram Kshatriyas. Infelizmente ambos príncipes morreram sem terem tido herdeiros. Por causa da continuação da linhagem real, pediram às rainhas deles que tivessem filhos com o sábio Vedavyasa. O grande sábio consentiu em empreender esta tarefa a fim de que a dinastia continuasse. Pandu e Dhritarashtra nasceram desta forma, e foram considerados Kshatriyas. Vidura, que foi gerado na mesma época por Vedavyasa, é um Shudra, porque a mãe dele era uma criada. São cinco, os irmãos de Pandava, nascidos de deuses. Ainda consideram que sejam Kshatriyas. Assim, como pode o nascimento determinar a casta? Como um filho nascido de um sábio ser um Kshatriya, e outro um Shudra? O nascimento só pode determinar a casta se não houver nenhuma confusão entre as castas. Quando as castas estão misturadas, como tem acontecido por tão longo tempo, só o nascimento não pode decidir a casta de uma pessoa. Dhritarashtra e Pandu, dentre seus descendentes é que teve lugar a grande guerra do Mahabharata.

Krsna Dwaipayana veio a ser chamado "Vedavyasa" por ter dividido os Vedas em quatro e tê-los subdividido então em 1.180 recensões. "Vyasa" literalmente significa uma "composição" ou um "ensaio". Classificar objetos também é conhecido como "vyasa".

As Puranas mencionam nada menos que vinte e oito Vyasas, encarnações de Vishnu ou Brahma, que desceram para a terra em épocas diferentes para organizar e promulgar os Vedas.

Vyasa, o grande Autor

Vyasa era um grande autor voraz. Ele tinha uma grande visão da cultura da Índia. Tinha poderes sobrenaturais extraordinários. Os Vedas originalmente eram misturados e pareciam uma única unidade. Era um trabalho tenaz para qualquer um estudá-los. Então, Vyasa tomou a si a grande tarefa de dividi-los e coordená-los. De-lhes, então, a forma presente de quatro Vedas. Ele também foi o autor de dezoito Puranas, os grandes BrahmaSutras surpreendentes e muitos outros. Diz-se que no total escreveu vinte quatro lakhs de slokas; um trabalho estuendo jamais realizado antes.

Veda Vyasa é uma alma poderosa que revelou o conhecimento Védico ao mundo, sua sabedoria e história, em uma forma escrita.

Krsna -Dvaipayana Vyasa revelou muita literatura Védica. Primeiro ele dividiu o único Veda em quatro, então ele os explicou nas Puranas, contou o Mahabharata para Ganesa, que o escreveu pela primeira vez. No Mahabharata foi revelado o Bhagavad Gita. Então, toda a literatura Védica foi resumida no sutra do Vedanta e, para orientação futura, ele deixou um comentário natural no sutra da Vedanta, chamado Srimad-Bhagavatam. Com isto buscou expressar o desejo de revelar de modo mais direto os tempos passados do Senhor Supremo e os seus devotos. Sukadeva Goswami, o filho de Vyasadeva, por sua vez entregou o Bhagavatam ao grande Imperador Pariksit, o qual estava rodeado de sábios nas margens do Ganges, esperando a morte sem ter comida ou bebida durante sete dias.

Sukadeva Said; este Bhagavata Purana, é tão brilhante quanto o sol, e surgiu logo após a partida de Deus Krsna para o seu próprio domicílio, levando sua religião, conhecimento, etc. Pessoas sinceras que perderam a sua visão devido à escuridão densa da ignorância na idade de Kali, obterão ilustração neste Purana. Este discurso aconteceu 25/36 anos depois da guerra do Mahabharat.

O dia Purnima (lua cheia), no mês de Ashadha (julho-agosto), é conhecido como "Guru Purnima". Este é um dia muito sagrado, cuja adoração especial é executada aos Acharyas que, pela sua Compaixão Infinita e Graça Suprema, dão Conhecimento do Absoluto (Brahma Vidya), por uma linha longa e contínua dos Acharyas (o Guru Parampara), para todos os que buscam sinceros. Um Acharya é uma pessoa que vive e ensina pelo próprio exemplo.

Entre o Acharyas, Sri Veda Vyasa foi o pioneiro, e o dia do seu aparecimento é honrado por todos os seguidores da tradição Védica.

Sua obra:

Enquanto, de acordo com um estudioso, o Visnu Purana menciona o número de sakhas como sendo de 1180, outra versão é que havia 1133 - o Rgveda 21, o Yajurveda 101, o Samaveda 1000 e o Atharvaveda, 11.

Considerando que as pessoas na época de Kali seriam inferiores aos seus antepassados, Krsna Dvaipayana pensou que deveria ser suficiente que aprendessem um sakha de qualquer um dos quatro Vedas. Foi Deus que pôs esta idéia em sua cabeça. Vyasa determinou o sakhas do Rgveda a Paila, o sakhas do Yajurveda para Vaisampayana, o sakhas do Samaveda para Jaimini e o sakhas de Atharvanaveda para Sumantu. No rgveda temos os hinos de invocação a várias deidades; no Yajurveda a condução de sacrifícios; o Samavedas contém as canções que agradam às deidades e no Atharvavedas, apesar de lidar com sacrifícios, contém mantras recitadas para evitar calamidades e para destruir os inimigos.

De acordo com o arranjo de Krsna Dvaipayana, apesar de ser obrigatório para uma pessoa [isto é, um Brahmin] aprender só uma, não significa que há barreiras em se aprender mais. A intenção é que pelo menos uma sadha deve ser estudada. Até mesmo depois do tempo de Vyasa, houve exemplos de panditas que dominaram mais de um sakha dos quatro Vedas. Vyasa dividiu os Vedas há uns 5000 anos atrás. Isto é, até certo ponto, historicamente estabelecido. Em vez de aceitar esta data chegando a um acordo com os sastras, os historiadores modernos mantêm que a data do Mahabharata deva ser 1500 A. C., mas ultimamente esta opinião está mudando, voltando à visão das datas épicas de 5000 anos atrás.

Foi dito que não havia nenhuma barreira em se aprender mais de um sakha. Até mesmo atualmente, encontramos no Norte da Índia gente com títulos de "Caturvedi", "Trivedi" e "Dvivedi". Tiveram um "Trivedi" que foi o governador de um dos estados. São derivados 'Duve' e 'Dave' são derivados de "Dvivedi". Descendentes de uma família bem versada nos quatro Vedas são chamados de "Caturvedin". Em Bengala, ele é chamado "Catterji". Os que dominaram três Vedas são "Trivedins". Hoje é raro se ver um homem que aprendeu até mesmo um Veda, mas o fato é que os membros de algumas famílias ainda se chamam 'Trivedins'

ou ‘Caturvedins’, o que mostra que em seu passado deveria ter havido indivíduos que conheceram mais de um Veda. Jnanasambandhar se chama a si mesmo ‘Nanmarai Jnanasambandhar’. Considerando que ele foi amamentado pelo próprio Amba, deve ter sido fácil dominar os quatro Vedas.

Durante estes 5000 anos e mais, desde que Vedavyasa dividiu os Vedas, muitos sakhas foram perdidos. Fora dos 1180, estamos na posição infeliz de termos só seis ou sete. Dos 21 sakhas do Rgveda, há só um existente - é chamado o Sakala Sakha, ou o Aitareya Sakha, desde o Aitareya Upanishad acontece isto. Do 15 capítulos do Sukla - Yajurveda só dois ainda são existentes, o Kanva Sakha que tem muitos partidários em Maharashtra, e o Madhyandina Sakha no Norte da Índia. Do 94 sakhas do Krsna - Yajurveda, o Taittiriya tem muitos seguidores, particularmente no Sul. Foram perdidos 997 dos 1000 sakhas do Samaveda. Em Tamil Nadu, os que seguem o Kauthuma Sakha são em maior número que esses que seguem o Talavakara Sakha, enquanto que em Maharastra há menos partidários do Ranayaniya. Certa vez temia-se que dos 50 capítulos do Atharvaveda nenhum ainda existia. Mas, em investigação recente, foi descoberto que havia um Brahmin em Sinor, Gujarat que conhecia o Saunaka Sakha deste Veda. Foram enviados estudiosos de Tamil Nadu para aprender com ele.

O Aitareya Brahmana e o Kausitaki Brahmana (também chamado Sankhayana Brahmana) do Rgveda ainda nos está disponível. O Aitareya Upanishad e o Kausitaki Upanishad que fazem parte do Aranyakas que pertencem a estes ainda são existentes.

Do Sukla - Yajurveda temos o Satapatha Brahmana. Também acontece isso - com diferenças mínimas - para o Madhyandina e Kanva Sakhas. É um trabalho volumoso que serve como explicação para todos os Vedas. Só um Aranyaka é existente deste Veda e constitui o Brhadaranyaka Upanishad. Já foi mencionado que o Isavasya Upanishad pertence à parte de Samhita do Veda.

Do Krsna - Yajurveda, só o Taittiriya Brahmana ainda existe. Entre o Aranyakas deste Veda, temos o Taittiriya; o Taittiriya Upanishad e o Mahanarayana Upanishad fazem parte dele. Este último contém vários mantras usados geralmente. O Maitrayani Aranyaka e o Upanishad do mesmo nome também pertencem ao Krsna - Yajurveda. Como foi mencionado antes, do Katha Sakha só o Upanishad (Kathopanisad) está disponível, não o Samhita, Brahmana e Aranyaka.

(Semelhantemente, o Svetasvatopanisad do Krsna - Yajurveda ainda é existente, mas nenhuma parte relevante do sakha.)

Novocentos e noventa e sete sakhas do Samaveda estão perdidos, e só sobreviveram uns sete ou oito de seus Brahmanas - Tandyā, Arseya, Devatadhyaya, Samhitopanisad, Vamsa, (Sadvimsa, Chandogya, Jaiminiya). O Talavakara Aranyaka deste Veda também é chamado o Talavakara Brahmana. O Kenopanisad vem no fim dele: assim, também é conhecido como o Talavakara Upanishad. O Chandogya Brahmana tem o Chandogya Upanishad.

Repetindo o que foi mencionado antes, temos ainda três Upanishads importantes do Atharvaveda - Prasna, Mundaka e Mandukya. (O Nrsimha Tapini Upanishad também pertence a este Veda.) O único Brahmana deste Veda que sobreviveu foi o Gopatha.

Deveríamos ser culpados de ofensa séria se os sete ou oito sakhas dos 1180 que ainda sobrevivem se tornarem extintos por causa de nossa negligência: não haverá nenhuma expiação para o fato.

Ainda é mantida a aprendizagem Védica ao vivo pelos Namputiris em Kerala, no Sul, que é chamado "Dravidadesa"; e foi mantido até bem recentemente em Andhra Prades. Um grande encorajamento para isto era o festival anual de Navrathri, em Vijayavada, quando todos os anos se faziam exames para os estudantes Védicos diante de uma assembléia de estudantes Védicos. Para esses que faziam parte da assembléia, eram dados prêmios em dinheiro, e também certificados. Brahmacarins e pandits vinham de todas as partes do país, para tomarem parte, respectivamente, do exame e da assembléia. O certificado era altamente avaliado. Um estudante que voltava para casa com o certificado era, desde o princípio, honrado pelos donos da casa. Havia um costume em Andhra Prades de pôr de lado uma soma a ser apresentada aos estudantes Védicos nos casamentos. A aprendizagem Védica floresceu naquele estado por causa de tais incentivos.

Um Brahmin deve não correr atrás de dinheiro; se ele o fizer, deixará de ser um Brahmin. Porém, temos que considerar o fato de que hoje qualquer ocupação ou profissão diferente de ser estudante Védico é lucrativo. Versados nos Vedas não podem fazer fins lucrativos. Sendo o caso, fica-se encarregado alguém inventar um sistema pelo qual o estudante Védico também possa viver sem qualquer sustento. É porque foram satisfeitas as necessidades mínimas dos estudantes Védicos e versados no país de Telugu que a aprendizagem bíblica floresceu por lá.

São feitos esforços para promover a aprendizagem Védica por toda parte na Índia, e em particular em Tamil Nadu - e um esquema foi elaborado para levantar fundos para pathasalsas (escolas Védicas). Em Tamil Nadu havia patronato para a aprendizagem Védica até o reinado de governadores hindus como os Nayakas. Depois, receberam encorajamento dos principados. Um Brahmin que domine um sakha de Veda inteiro é chamado "srotriya", sendo que "Sruti" significa os Vedas. Era habitual aos rajás de Tamil doarem terras a Brahmins, e às vezes uma aldeia inteira, determinava-se que ficava isenta de impostos. Isto é descrito como "iraiyili" em velhas inscrições. "Brahmadesam" é o nome dado para as terras dadas para Brahmins como presente. Nos éditos reais, a palavra usada é "Brahmadeyam". Caturvedimangalam era o nome dado para uma aldeia doada pela realeza a Brahmins proficientes em todos os quatro Vedas. Esses que gastam todo o seu tempo aprendendo e ensinando as escrituras não tinham nenhuma outra fonte de renda. Assim, ficavam isentos de kisti. Esta isenção estava em vigor até mesmo durante o governo do Nawabs, a Companhia de Índia Oriental e seu sucessor, o governo britânico. Embora os britânicos não fizessem nada que promover os estudos Védicos, isentaram aldeias dos impostos. Porém, os Brahmins durante aquele tempo venderam as terras deles, convertendo-as em certificados, e abandonado as aldeias dos seus antepassados para se instalarem nas cidades. Isto também significou algo mais infeliz, já que cortou a conexão deles com a antiga tradição Védica.

Os Vedas

Vyasa classificou os Vedas em quatro divisões (1131 Sakhas ou Revisões) divididas em Rig (21 sakhas), Yajur(101 sakhas), Sama (1000 sakhas) e Atharva Veda (9 sakhas);

Ele escreveu as BrahmaSutras (555 Sutras ou Provérbios, que integram as mensagens dos Upanishades relativos a Jiva, o Universo e os brâmanes). Ele escreveu 18 Maha Purânas (Brahma Purana, Padma Purana, Bhagavata Purana, Siva Purana, Skanda Purana, Garuda Purana, Brahmanda Purana etc. Destas 18, Vishnu Purana foi compilada pelo pai de Vysacharya, Parasaracharya, mas foi editado e apresentado por Vyasa).

Ele testemunhou e narrou os vários incidentes do Mahâbhârata (com Maha Ganapati como escritor) que contém a jóia da coroa do Dharma, o Bhagavad Gita. Sri Vyasa também é um Chirajeevin (Imortal). Ele é muito justamente tido como alguém de imensa intelectualidade e um sábio eterno.

Entre os sábios ele é o mais respeitado autor pelas penitências severas. Quando ele quis registrar o grande épico Mahabharata, épico para o bem-estar de todos na era de Kali, sentiu a necessidade de encontrar um escritor poderoso a quem pudesse ditar. Pela ordem de Brahmaji, Sri Ganeshji se encarregou da escritura, com a condição de que Vyasadeva não parasse de ditar em nenhum momento. O Mahabharata foi assim compilado, pelo empenho comum de Vyasa e Ganesh, na caverna-habitação de Vyasa. (Viveu nas florestas em torno das áreas urbanas, levando uma vida severa).

Isavasyopanishad

Deus, tentando a regeneração do mundo, comunicou os Vedas por Hiranyagarbha e Hiranyagarbha, em troca, passou-OS para os seus dez Manasa-puthras, inclusive Athri e Marichi. Deles, os Vedas se esparramaram pela humanidade, passados de uma geração para outra. Conforme passou o tempo, as eras se somaram e os continentes se moveram; alguns Vedas se perderam, ou foram negligenciados, dados como muito difíceis para a compreensão, e só Quatro sobreviveram nos tempos modernos. Estes Quatro foram ensinados por Vedavyasa, o maior entre os explicadores do Vedas, para os seus discípulos, no Dwaparayuga.

“Plutarco escreveu um tratado em que procurava as razões da extinção dos oráculos, e a sua degenerescência foi considerada como uma desgraça por toda a sociedade antiga.” - G. I.

Muito certo, pois com o desaparecimento da Revelação, surtiram no mundo as clerezias idólatras, o materialismo, a degradação humana. Até o presente, desde que tem havido Revelações, desde o vedismo iniciático, um revezamento tem havido entre as Revelações sucessivas e as sucessivas corrupções.

E a última fase agora se apresenta, com a Restauração do Batismo de Espírito, com o nome de Espiritismo. Isto importa que saibam os espíritas, isto é, os cristãos de verdade:

a - Que, à Restauração foi dado o nome de Espiritismo, pelo fato de ser a reposição das coisas no lugar, como Jesus dissera que aconteceria;

“Para a ciência antiga o universo sem limites não era uma matéria morta, regida por leis mecânicas, mas um todo vivo, dotado duma inteligência, duma alma e duma vontade.” - G. I.

Cumpra saber que a Teoria do Divino Monismo é antiqüíssima, remonta ao vedismo iniciático. Certos autores modernos, indo buscar lá para trás os informes, nada mais têm feito que saturá-los de teorias e termos técnicos em profusão, e até em profusão de confusão, querendo passar por inovadores. Quem quiser saber disto pelas fontes primitivas, procure conhecer Crisna, Moisés (fora da Bíblia) e Pitágoras. (Item 215 de “A Bíblia dos Espíritas”)

Manu

Quem foi Manu? Considera-se que Manu foi uma figura humana real e o iniciador da história humana. Intitulado Swayambhu, ou nascido por si mesmo, acredita-se que foi a primeira progênie do Criador, ou Brahma. É Brahma que diz ter ensinado o dharma a Manu. Isto significaria que no Manusmriti veio a existir bilhões e bilhões de anos atrás. Entretanto, diz-se que o manuscrito em sua forma atual não é mais velho do que Cristo.

Desde que Manu propagou primeiramente suas leis, seu smriti foi passado pelos rishis de uma geração a outra, por longa data. No processo, deve ter-se submetido a mudanças, a emendas e a incontáveis adições, adaptando-se e moldando-se às necessidades e condições de uma sociedade sempre mutante, vibrante.

Os Dharma-shastras proclamam serem divinos em sua origem e terem sido entregues por antigos rishis que não podem ser identificados como figuras históricas. **Manu é encontrado já no Rg Veda (1200 AC), onde ele é descrito como Pai Manu, progenitor da raça humana.** No Satapatha Brahmana, por volta de 900 AC, Manu é claramente o pai de gênero humano, quando ele seguiu o conselho de um peixe e constrói um navio no qual só ele, entre os homens, sobrevive à grande inundação. Depois pratica sua adoração e executa penitências e uma mulher, Ida ou Ila, é produzida e então ele inicia com ela o humano. Manu também foi o primeiro rei e o primeiro a acender o fogo sacrificial. Como o causador da união social e da ordem moral, ele é o rishi que revela o mais autorizado dos Dharma-shastras. O texto de Manu, o Manusmriti ou Manava Dharma-shastra é o primeiro dos Dharma-shastras. Sua data é incerta, situado entre 200 AC e 100 DC. Alcançou sua forma presente provavelmente ao redor do segundo século DC. Na seção do texto do rajadharma, o dharma do rei, há passagens da lei hindu. Estas passagens foram as que primeiramente chamaram à atenção dos estudantes Ocidentais, e assim o texto ficou conhecido como as **Leis de Manu**.

O Manusmriti permite aos grupos governantes invadirem povos como os Sakas, Pahlavas, e os gregos que foram chamados de Yavanas. Nisto, o Manusmriti estava acomodando as novas realidades sociais ao padrão teórico. Yavanas, Sakas, Pahlavas e outros invasores estrangeiros são descritos por Manu como ksatriyas caducados, da classe dos guerreiros. Estes guerreiros tinham perdido o seu estado por não terem seguido seu dharma, mas executando sacrifícios expiatórios apropriados e reconhecendo os brahmins como líderes religiosos, eles poderiam entrar na comunidade ortodoxa. Lá pelo quarto século DC estava completamente colocada a escritura madura dos Dharma-shastras. A este período, as regras das castas estavam sendo aplicadas sistematicamente pela primeira vez, através das dinastias brahmanicas, depois de séculos de domínio estrangeiro.

Havia outros aspectos do texto de Manu que trouxe teoria alinhada com a prática atual e a realidade social. Na sua teoria de castas misturadas, há um sistema elaborado de matrimônios entre as quatro classes (varnas), produzindo as muitas castas (jati). Grupos profissionais ou guildas já tinham montado padrões fechados com características endogâmicas de um jati, assim Manu estava ajustando a teoria dele aos fatos.

Discute-se se os Dharma-shastras pintaram um quadro ideal que não correspondeu com a vida real. Porém, é mais provável que os Dharma-shastras, apesar de estilizados e sistematizados, foram compêndios dos costumes existentes e práticas que proveram o vigamento teórico global para que todo o mundo praticasse o seu comportamento tradicionalmente reconhecido de vida.

Logo no décimo sexto século houve várias ondas de criatividade religio-cultural entre hindus bengali. Um deles foi Raghunandan Siromani, no campo do Dharma-shastra. Ele pode ter sido contemporâneo de Caitanya, em Mayapur.

(Artigo publicado no Diário de S. Paulo/Autor: Eng. Hernani M. Portella/Data: 02/04/1961)

Se de Colombo, o redescobridor da velha Atlântida (América), que viveu há quatro séculos e meio, ignora-se até hoje o verdadeiro nome, o berço de sua origem e muitas outras passagens de sua vida, que dizer do continente Atlante, que sofreu várias catástrofes entre um milhão de anos e nove mil quinhentos e sessenta e quatro anos antes de Cristo?

Cingir-se à ciência oficial ou mesmo à Bíblia com as suas vinte e duas mil emendas, da Vulgata, afora "enxerto" ou passagens apócrifas?

Preferimos no caso em apreço, apelarmos para a tradição esotérica, a única talvez que ainda debaixo da letra que mata poderá fazer luz sobre tão delicado tema.

Diz essa tradição que o Kusha-Dwipa onde habitavam os RUTAS ou os vermelhos, o País de MU, compreendia a China, o Japão, a Índia, o Ceilão, a Birmânia e a Malásia; a oeste, a Pérsia, a Arábia, a Síria, a Abissínia, a bacia do Mediterrâneo, a Itália meridional e a Espanha.

Da Escócia e da Irlanda, então emersas, estendia-se a oeste sobre o que atualmente se denomina de oceano Atlântico incluindo-se a maior parte das duas Américas.

Durante sua existência multimilenar, os atlantes emigraram para todas as direções, levando sua poderosa civilização às várias regiões do Globo, onde facilmente dominavam os povos das raças anteriores.

Ao contrário do que aconteceu à Lemúria, vasto continente destruído por um único cataclismo, sofreu a Atlântida quatro catástrofes sucessivas e espaçadas por muitos milhares de anos.

Deu-se a primeira há cerca de 800.000 anos, durante o período mioceno, quando o continente se estendia da Islândia ao Brasil, compreendendo o Texas, Yucatan, o Golfo do México, o Lavrador e toda a região que fica entre este país e a Irlanda, a Escócia e o norte da Inglaterra. Após o cataclismo que fez submergir grande parte das terras setentrionais, a Atlântida ficou constituída pelas que ocupavam o Oceano Atlântico, desde 50 graus de latitude norte até o sul do Equador.

Avisado dos acontecimentos, o **Manu** Vaivasvata dirigiu-se para a Meseta do Pamir conduzindo as vergôntes da raça atlante que ficaram fiéis à Lei. Iniciou Vaivasvata o ciclo ariano dando ao povo **os dez mandamentos originais**, e o **Manava Dharma Shastra (Código do Manu)**.

O segundo cataclismo, ocorrido há 200.000 anos, de menores proporções do que o primeiro, reduziu a Atlântida propriamente dita a duas grandes ilhas uma setentrional denominada Ruta e outra meridional chamada Daitia. A América do Norte e do Sul ficaram separadas, o Egito submergido e a ilha escandinava ligada à futura Europa.

O terceiro cataclismo eclodiu há 75.034 anos reduzindo a ilha de Ruta à pequena ilha Poseidonis fazendo desaparecer completamente Daitia.

Durante o evoluir deste ultimo cataclismo, Osíris, dirigente atlante e depois deus egípcio, esposou uma princesa egípcia dando origem à dinastia dos reis divinos pós-atlantes daquela região banhada pelo rio Nilo.

Chegou finalmente o ano 9.564 antes de Cristo, "o ano 6 do Kan, e 11 Muluk do mês de Zac" segundo as expressões do Codex Troanus escrito há 3.500 anos pelos Mayas do Yucatan, e que se acha arquivado no museu de Londres, quando tremendos tremores de terra que se prolongaram "até ao 13 Chuen", a ilha de Poseidonis, "o país de Mu foi sacrificado" desaparecendo para sempre no seio das águas, com seus 64.000.000 de habitantes. Dez países separaram-se e desapareceram, levando consigo os arquivos da origem da humanidade. Depois de duas tremendas convulsões, ela desapareceu durante a noite, sendo constantemente sacudida pelos fogos subterrâneos que fizeram com que a mesma tivesse tão trágico destino.

Isso aconteceu oito mil anos antes de ser feito o citado manuscrito. Corroborando com esse documento que faz parte da coleção Le Plongeon (manuscrito troano) existente no "British Museum" outro documento de real importância e pertencente aos arquivos de antigo templo budista em Lhasa, em língua caldaica, escrito há uns 2.000 anos assim relata o mesmo acontecimento:

"Quando a estrela Baal caiu no lugar onde hoje só existe mar e céu, as dez cidades, com suas portas de Ouro e templos transparentes, tremeram e estremeceram como se fossem as folhas de uma árvore sacudidas pela tormenta. Eis que uma nuvem de fogo e de fumo se elevou dos palácios. Os gritos de horror, lançados pela multidão, enchem o ar. Todos buscavam refugio nos templos, nas cidadelas e o sábio MU (o sacerdote de Rá-MU), apresentando-se, lhes falou":

- "Não vos predisse eu todas essas coisas?"

Os homens e as mulheres cobertos de pedras preciosas e custosas vestes, clamaram:

- "**Mú**, salva-nos!"

Ao que replicou **Mú**:

- "Morrereis com vossos escravos, vossas riquezas, e de vossas cinzas surgirão outros povos. Se eles, porém, vos imitarem, esquecendo-se de que devem ser superiores, não pelo que adquirirem, mas pelo que oferecerem, a mesma sorte lhes caberá. O mais que posso fazer é morrer juntamente convosco"...

"As chamas e o fumo, afogaram as últimas palavras de **Mú**, que, de braço estendido para o Ocidente, desapareceu nas profundezas do oceano com os 64 milhões de habitantes do imenso continente.

Essas são as provas que apresentamos da existência da Atlântida. A ciência oficial e as religiões exotéricas apenas poderão negar o fato, citando o mito Platônico da existência da Atlântida. Mas a ciência e a religião param onde começa a Teosofia, na perquirição do passado da humanidade.